

Dezembro 2019



CONSELHO DIRETOR NACIONAL

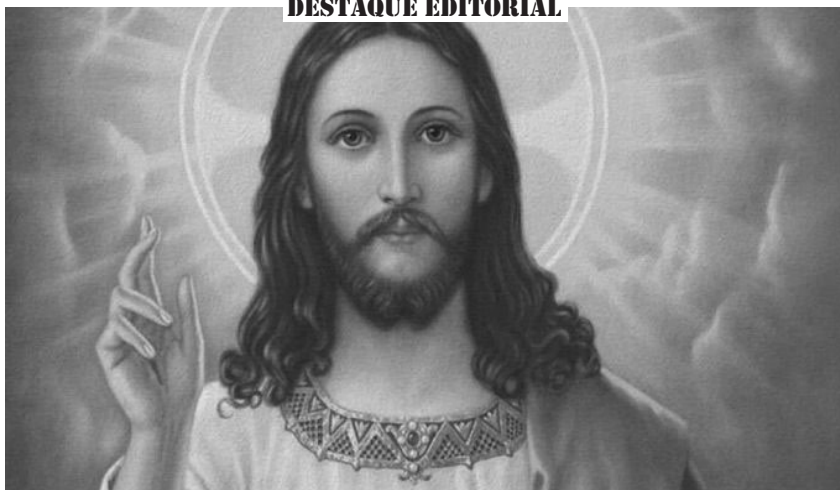
Cláudia Aparecida e Eduardo F. Firmiano
Deise e Raimundo Fonseca da Silva
Maria Lúcia e Waldir Leandro de Paula
Vilma e Roseneo Olizete Jorge
Rosana e Rubens de Oliveira Carvalho

CONSELHO EDITORIAL

Arlete e João Borges
Marisa e Galdino Ulysses
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Marly e Jose Maurício Guedes
Rita e Luiz Carlos Torres Martins
Raquel e Ronaldo Nascimento
Terezinha e Oscavo Homem de C. Campos
Rosana e Rubens de Oliveira Carvalho
Arte e diagramação Anderson Nogueira
amarartesvisuais@gmail.com e João Borges
Circulação restrita sem fins comerciais

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO	
Um país mal educado _____	48
Claudia Costin	
INSTITUCIONAL	
Temário: Novos desafios _____	44
SENFOR	
MEIO AMBIENTE	
Em defesa da floresta _____	54
Eq. Igreja em Marcha	
O último a sair apaga o fogo _____	21
Paulo K. de Sá	
Só o conhecimento salva _____	40
Suzana Kahneman	
POLÍTICA	
A face positiva da polarização política ____	6
Nelson Ferreira Marques Jr.	
Face autoritária do neoliberalismo _____	62
Frei Betto	
RELACIONAMENTO	
Relação amorosa durável _____	18
Deonira Viganó La Rosa	
RELIGIÃO	
A espiritualidade de Teilhard du Chardin - Final _____	23
Ursula King	
Atraídos pela oração de Jesus _____	4
Papa Francisco	
Fundamentalismos _____	32
Ricardo R. Werneck	
SOCIEDADE	
A indignação _____	28
Oscar Vilhena Vieira	
A secularização do Natal _____	56
João Borges Filho	
As palavras matam tanto quanto as balas ____	8
Daniela Arbex	
Cultura do ódio _____	12
Ricardo Viveiros	
Desigualdade, políticas públicas e batatas _	14
Luiz G. Piva	
Em defesa da vida _____	30
Denise G. Drumond	
Felicidade, sucesso e outras bobagens ____	16
Vera Iaconelli	
Lógica do poder _____	35
Frei Betto	
O significado sagrado da Palestina _____	37
Patrícia Soares	
Tem alguém aí? _____	42
Gildásio e Lucyene	
Brasil, um país suicida? _____	60
Iara Pietricovsky	
VARIEDADES	
Cidadania reflexiva _____	10
Eq. Fato & Razão	
Já era _____	58
Luiz Fernando Veríssimo	
Yesterday _____	50
Arnaldo Bloch	



ATRAÍDOS PELA ORAÇÃO DE JESUS

O Papa Francisco, durante catequese, refletiu sobre a oração do Pai Nosso, a partir de narração do Evangelho, segundo São Lucas, em que Jesus ensina a oração a seus discípulos. Conforme explica o Pontífice, Jesus apresenta uma maneira de rezar diferente para a época, a ponto de suscitar nos discípulos o desejo de serem “partícipes desses momentos de união com Deus, para saborear plenamente sua doçura”. Esse “diálogo entre pessoas que se amam” é a “novidade da oração cristã”: “Um diálogo de Filho ao Pai, um diálogo entre filhos e Pai. Esta é a oração cristã. “O Papa Fran-

cisco destaca também que Jesus nos encoraja a sermos insistentes na oração.

Os discípulos – explica o Papa – sabiam rezar segundo as fórmulas da tradição judaica da época, “mas também desejavam poder viver a mesma ‘qualidade’ da oração de Jesus”. “Podem constatar que a oração é uma dimensão essencial na vida de seu Mestre. Na verdade, cada ação importante de Jesus é precedida por prolongados momentos de oração.”

Ademais, os discípulos percebem que a oração de Jesus revela “uma ligação íntima com o Pai, tanto que desejam ser partícipes desses momen-

tos de união com Deus, para saborear plenamente sua doçura." Aproveitando que estavam em um lugar isolado, esperam Jesus concluir sua oração e, tomados por esta curiosidade, pedem a Ele que lhes ensine a rezar.

Explica o Papa Francisco que "Jesus não dá uma definição abstrata da oração, nem ensina uma técnica eficaz para rezar e 'obter' alguma coisa, mas convida seus seguidores a fazerem a experiência de oração, colocando-os diretamente em comunicação com o Pai, despertando neles um anseio por um relacionamento pessoal com Deus, como Pai". Prossegue o Pontífice dizendo: "Aqui está a novidade da oração cristã! Ela é o diálogo entre pessoas que se amam, um diálogo baseado na confiança, apoiado pela escuta e aberto ao compromisso solidário." Neste sentido, Jesus apresenta aos discípulos a oração do "Pai Nosso"; "talvez o dom mais precioso que nos foi deixado pelo divino Mestre em sua missão terrena."

Depois de nos ter revelado o seu mistério de Filho e irmão, com aquela oração, Jesus nos faz mergulhar na paternidade de Deus, "e isto que sublinhar" disse Francisco: Quando Jesus nos ensina o Pai Nosso, nos faz entrar na

paternidade de Deus e nos indica o modo para entrarem um diálogo orante e direto com Ele, através do caminho da confiança filial. É um diálogo entre o pai e o seu filho, o filho com o pai."

O que pedimos no "Pai Nosso" já está realizado em nós no Filho Unigênito: a santificação do Nome, o advento do Reino, o dom do pão, do perdão e da libertação do mal. Enquanto pedimos, abrimos a mão para receber. Receber os dons que o Pai nos mostrou no filho. A oração que o Senhor nos ensinou é a síntese de toda oração, e nós a dirigimos ao Pai sempre em comunhão com os irmãos".

Depois de falar da intimidade com Deus na oração revelada por Jesus, o Papa Francisco sublinhou outro aspecto que a oração cristã deve ter: perseverança, recordando o que Jesus diz: "É preciso insistir na oração".

"Peçamos a Maria, mulher orante que nos ajude a rezar o Pai Nosso, unidos a Jesus para viver o Evangelho, guiados pelo Espírito Santo", solicita aos fiéis o Papa Francisco em sua catequese.

Publicado na página 2 da edição nº 100 da revista Faço Parte, Órgão informativo da Arquidiocese de Belo Horizonte

A face positiva da polarização política



Nelson Ferreira Marques Júnior*

Em quase todos os veículos de comunicação temos observado críticas contumazes à polarização política e aos danos que ela tem causado à política institucional e à relação entre os três Poderes, profanando inclusive as esferas mais íntimas, como a relação familiar. Mal sabem que, inevitavelmente, este é o caminho a percorrer para construirmos uma sólida democracia, pautada nos ideais da igualdade e liberdade política – por mais instáveis que possam ser.

O problema não é a polarização entre direita e esquerda, mas a forma e a maneira que se apropriaram das incompatibilidades na

prática. Jamais confundamos divergências políticas com ataque às minorias, defesa do estado de exceção, repressão às manifestações políticas, postulados de censura prévia aos meios de comunicação, discurso de ódio que atente à vida e irresponsabilidades com o meio ambiente. Não, caro leitor, isso tudo que escrevi é crime; logo, não cabe ser discutido nesses termos.

O esforço retórico para a aniquilação da polarização está apoiado em um ou em múltiplos desejos: obscurantismo político, ingenuidade, manutenção de privilégios ou um projeto de poder unilateral. A construção do conhecimento parte de ideias e proje-

tos opostos que, por meio da dialética, leva a outras ideias e projetos. Gerar consensos sem as polarizações é aceitar sempre o status quo. Política, por natureza, é negociação, conflito e interesses distintos. Acostumemo-nos.

O problema central da democracia não são as polarizações ou multipolarizações, como nos tentam convencer, mas como se governa e como se utiliza o poder por meio das diferentes tonalidades políticas.

Um governo, mesmo sendo eleito democraticamente, pode ser altamente truculento e antidemocrático, carregando a polarização não de ideias, projetos e propostas, mas a estandardização da violência como prática — ou seja, cevar com selvageria, bestialidade e crueldade o pensamento.

O problema do Brasil não é a polarização política, mas como tem sido exercido o poder. Afinal, o exercício do poder, seja ele governamental ou não, requer sustentação em pilares democráticos e apreço pela humanidade. Hoje, quem, em parte, usufrui desse poder temporário está abastecendo a polarização com ódio e não com ideias.

A saída está no contrapon-to, na incongruência, no contraste. Sei que as discussões

polarizadas geram desconforto e muitas vezes desalento por conta das barbaridades propagadas por aqueles que nos representam ou deveriam.

Devemos ter serenidade para entender que os polos devem existir, mas não podemos nos contentar com migalhas. Tudo o que o atual Congresso Nacional ambiciona é apagar as chamas constantes do Executivo e obter o consenso político em suas pautas, com menos ruídos e discussões.

Por fim, como diz o ditado popular: “para matar as pragas não precisamos destruir a lavoura” — ainda que o governo seja pouco afável ao meio ambiente.

Portanto, devemos proteger a polarização política como uma face positiva para o desenvolvimento de uma cidadania participativa, sem deixá-la ser contaminada pelo ódio e pelos discursos generalistas nutridos apenas pelo senso comum. A convivência multipolar dentro dos parâmetros democráticos deve ser seiva de ideias propositivas e nos servir de aprendizado mesmo em tempos sensíveis e de nervos expostos.

** Nelson Ferreira Marques Júnior é Doutor em história política do Brasil pela UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) Transcrito da Folha de São Paulo*



As palavras matam tanto quanto as balas

Daniela Arbex*

Ouvi de Adama Dieng, assessor da ONU de prevenção ao genocídio, uma das definições mais duras e certeiras sobre os nossos tempos. “As palavras matam tanto quanto as balas”. Adama refere-se ao poder que elas têm na gestação dos crimes de ódio. “Todos devemos lembrar que discursos de ódio antecedem crimes de ódio”, afirma, usando o holocausto nazista como exemplo. Para o assessor, o holocausto não começou com as câmaras de gás. De fato, começou muito antes dos nazistas, propagado pela ideia de anti-semitismo, por preconceitos religiosos e interesses econômicos. Alimentou-se, ainda, do racismo biológico e da necessidade de exterminar os menos puros, uma ameaça à raça ariana.

E Adama continua sua leitura de mundo falando

sobre a ascensão do extremismo na Europa, na Ásia e em várias partes do mundo, o aumento do número de neonazistas e de grupos totalitários. “Quando vemos a maneira como imigrantes e refugiados são depreciados, devemos fazer todo o possível para falar sobre o discurso de ódio”, diz.

Ao associar o poder da palavra ao do extermínio, o representante da ONU vai além da força de expressão. Nos dá a noção exata de que as guerras são antecedidas por palavras e por mentiras repetidas diariamente até que se tomem verdades.

A construção do muro na fronteira do México e Estados Unidos não foi ideia do Trump, mas sugestão de um colaborador de campanha que apostou que a barreira física seria convertida em poder. Assim nasceu o slogan “*Build a wall and make Méxi-*

co pay for it" (construir um muro e fazer o México pagar por ele), uma das principais plataformas da disputa presidencial. Enquanto o mundo reagia horrorizado à proposta, os Estados Unidos absorveram mensagem, elegendo o seu defensor.

No Brasil, o discurso do ódio sustenta a aversão crescente ao outro e a tentativa de massificação das ideias. Quem não está de acordo com o que diz o poder é alçado ao posto de inimigo nacional passível de ser eliminado. Liberdade de expressão somente para os amigos do rei, os que se julgam melhores do que todo o resto. Aqui, a morte de incapazes é comemorada e a hi-

giene social promovida como exercício diário.

Lembrem-se que as palavras matam tanto quanto as balas, reitera Adama Dieng- cujo alerta sobre futuro deve nos mobilizar. "Devemos fazer todo o possível para investir na educação, nos jovens para que a próxima geração possa entender a importância de viver em paz. Devemos usar as palavras para que se tornem uma ferramenta para o amor, para a unidade e para a harmonia em vez de ser usada para cometer genocídio e crime contra a humanidade".

Que assim seja!

**Daniela Arbex é Repórter
Transcrito da Tribuna de Minas*

***"Viva como se já estivesse vivendo pela segunda vez,
e como se na primeira vez você tivesse agido tão errado
como está prestes a agir agora"***

Viktor Frankl





CIDADANIA REFLEXIVA

Segundo o INPE (Instituto Nacional de Pesquisa Espacial). O mês de junho de 2019 foi catastrófico. Na Amazônia legal brasileira o desmatamento atingiu a marca de 920 km², aumentando em 88%, em um ano, a área desmatada. Desde então, o Brasil perdeu a referência de País expoente do meio ambiente. O Brasil passou a ser percebido, no mundo, como um inimigo do verde.

- FATO&RAZÃO propõe:
- Discutir as consequências sociais políticas e econômicas nacionais e internacionais do desmatamento; A seu ver o que pode cada cidadão fazer em defesa da

cidadania relacionada com o meio ambiente?

- No Brasil, a mais de 30 anos, os brasileiros vivem O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO. Mesmo assim, ainda hoje o voto pode valer de um saco de cimento até o propinoduto. Assim tem sido noticiado em relação a pessoas componentes da "alta cúpula". Partindo-se da ideia de que a negociação de votos objetivando-se ao alcance de benesses do poder é parte do perfil comportamental no século XXI em nosso País.

-FATO&RAZÃO PERGUNTA: - O que você, cidadão (a) pode e deve fazer em relação à correção deste desvio?

- DIREITOS HUMANOS: - Uma afirmação que deve ser respeitada mundialmente em relação à dignidade, a garantia de liberdade; Do trabalho pleno, da remuneração justa, do respeito à saúde e a educação. Este deve ser um respeito livre de preconceitos de qualquer natureza, bem como objetivando a inclusão social. É dever de todo governo garantir, a todos, os direitos humanos (ONU).

- FATO&RAZÃO PROPÕE aos leitores e seus convidados uma profunda reflexão sobre o conteúdo desta temática.

- Considerando o documento intitulado "Financiamento da Educação Superior no Brasil – Impasses e Perspectivas", produzido pelo Centro e Debates Estratégicos (Consultoria Legislativa da Câmara Federal), o Programa Ministerial poderá

promover o mais profundo ataque à universidade pública, ferindo sua autonomia e impondo categoricamente sua privatização. O documento indica a necessidade de Emenda Constitucional para instituir cobrança de mensalidades e captação de recursos próprios como forma de financiamento das IES públicas. Esse procedimento, significaria a destruição do sistema público e gratuito de educação superior, alterando a atual condição de autarquia das IFES que deixariam de ser subordinadas ao regime jurídico de direito público, o que sinaliza a possibilidade de contratações passarem a ocorrer pelo regime celetista ou de contrato temporário.

- FATO&RAZÃO PERGUNTA: Como o cidadão deve reagir a esta notícia? O que fazer?



“O fundamental já nos foi entregue, mas o que agora temos diante de nossos olhos é a árdua tarefa de levantar as paredes da construção que podemos ter. Cada ser humano, ao seu modo e tempo, vive esta aventura de desvendar-se.”

Fábio de Melo

CULTURA DO



Ricardo Viveiros

A pedagoga colombiana Yolanda Reyes, em coluna no jornal El Tiempo, do seu país, tratou com brilho, lucidez e preocupação tema que nos diz respeito. Segundo ela, há países que necessitam tratamento psicológico, têm saúde mental em estado de emergência, requerendo terapia intensiva. De fato, não pode ser considerado "normal" o clima de irritabilidade, revolta e ódio explicitado em público no Brasil.

As pessoas, desde a campanha eleitoral de 2018, em segundos vão da ofensa pessoal à agressão, sem limite de bom senso. Do nada, por nada, para nada. Simples descontrole e violência.

O jornalista e escritor Ricardo Viveiros durante a premiação anual da ABCA (Associação Brasileira dos Críticos de Arte) - Lela Beltrão - 31.mai.16/Folhapress

O Brasil, visto como pacífico, no qual buscam felicidade imigrantes de diversas origens, tornou-se campo minado. Lugar perigoso para quem ousa exercer o direito à liberdade de opinião. Há feridos e mortos por pensar diferente, não concordar com radicalismos políticos. E não fica só nisso, a barbárie já alcança diferenças religiosas, de gênero, de cor e por aí vai a inconsciência quanto ao direito do próximo.

Fomos divididos em dois grupos: contra e a favor. E se perguntarmos de que ou

quem, os militantes nem saberão dizer. A tecnologia, criada para aproximar pessoas pelos telefones celulares, é utilizada para acirrar ânimos, promover discórdia, gerar conflitos. Jogar uns contra outros. Todos os dias recebemos vídeos de pessoas sendo ofendidas, agredidas, acuadas por suas posições ideológicas.

Que síndrome é essa que faz humanos perderem a calma, atacarem semelhantes? São centenas de falsas notícias, imagens montadas, cenas antigas repaginadas, versões de fatos causando reações imprevisíveis. Erros do passado lembrados no presente para destruir o futuro. Violência gera violência, que

gera violência... E não acaba mais. Acaba sim, em tragédia, como registra a história.

1. É hora de unir, não dividir. Acabar com essa insana delinquência emocional e física. Precisamos acreditar em nós mesmos, manter vigilância e cobrar resultados dos três Poderes. O momento exige coragem não para agredir, e sim para permitir a certeza de que nem tudo está perdido.

** Ricardo Viveiros é Jornalista e escritor; autor, dentre outros livros, de 'Um olhar sobre São Paulo', 'Educação S.A.' e 'A vila que descobriu o Brasil – A incrível história de Santana de Parnaíba'*

Transcrito da Folha de São Paulo



Desigualdade, políticas públicas e batatas



Luiz Guilherme Piva*

Vou te contar. Talvez seus olhos já não possam ver, mas a desigualdade no Brasil é enorme e vem crescendo nos últimos anos.

Reportagem da Folha, publicada no dia 20 de agosto — parte da série Desigualdade Global —, mostra que, desde 2014, o rendimento da metade mais pobre da população brasileira (71,2 milhões de adultos) caiu 17%, o dos 10% mais ricos (12,8 milhões de adultos) cresceu 2,5% e o do 1% (1,4 milhão de adultos) mais rico aumentou 10%. A primeira camada ganha até R\$ 2.400 por mês; a segunda, entre R\$ 8.400 e R\$ 41,7 mil por mês; e a ter-

ceira, acima disso: em média, R\$ 160 mil por mês.

Aqueles 71,2 milhões de adultos se apropriam de apenas 13,9% da renda nacional. E os 14,2 milhões mais ricos, de 55,5%. Destes, o 1,4 milhão mais rico fica com 28,3% da renda, a segunda maior concentração de renda do mundo no líder Qatar, o 1% mais rico detém 29%. Para agravar: dentro dos 71,2 milhões estão 23,3 milhões que vivem na pobreza extrema (rendimento mensal menor que R\$ 232) — contingente que aumentou 33% desde 2014.

Agora que você já sabe dessa onda se erguendo num mar de degradação so-

cial, violência e atraso, fa-
lemos de políticas públicas.
No Brasil, elas só podem ser
entendidas como tais se fo-
rem destinadas a, direta ou
indiretamente, melhorar as
condições de vida da maioria
pobre da população.

Falo não só de ações dis-
tributivas e compensatórias,
mas também daquelas vol-
tadas à educação, ao sa-
neamento, ao crescimento,
à justiça fiscal, à ciência e
tecnologia etc. Ou seja, se o
objetivo final não for a me-
lhoria das condições de vida
da maioria da população —
e isso significa crescimento
(todos ganham), mas tam-
bém desconcentração de
renda (sim, uns perdem para
outros ganharem)—, não es-
tamos falando de políticas
públicas.

Por quê? Porque políticas
públicas demarcam a dife-
renciação fundamental en-
tre espaço público e espaço
privado. Discussão central
na sociologia e na ciência
política, o tema indica que o
poder público tende sempre
a ser mais voltado aos inte-
resses econômicos mais for-
tes. O que mitiga essa ten-
dência são as instituições
democráticas. Movimentos
sociais, partidos, eleições,
justiça, imprensa e outros
atuam para que a ação do
Estado e do governo não
seja direcionada aos vitorio-

sos da luta econômica. Ou:
ao vencedor, as batatas,
mas não todas.

O desafio, portanto, é fa-
zer com que as políticas pú-
blicas sejam, acima de tudo,
um bem público — para que
não sejam usufruídas por
uma parcela (a minoria priva-
da mais rica, que tem acesso
aos centros de decisão) em
detrimento das outras.

Tudo isso tem um nome:
política. Que é a forma pela
qual atores diferentes, com
interesses diferentes, dispu-
tam a obtenção de quinhões
maiores de poder, cujo locus
é o Estado/governo, matriz e
gestor das políticas públicas.
Logo, estas são, essencial-
mente, política.

Assim, a política no Bra-
sil tem como missão cen-
tral exatamente melhorar as
condições de vida da maioria
da população — a qual, na
democracia, é quem julga se
os gestores públicos e go-
vernantes estão cumprindo
ou não essa missão e pode
mantê-los ou trocá-los. Por
isso, devemos sempre apos-
tar na democracia. Senão a
noite vem nos envolver.

**Luiz Guilherme Piva é
Economista, mestre (UFMG)
e doutor (USP) em ciência
política e autor de 'Ladrihadores
e Semeadores' (Editora 34)
e 'A Miséria da Economia
e da Política' (Manole)*

Transcrito da Folha de São Paulo

Felicidade, sucesso e outras bobagens



Vera Iaconelli*

Uma das minhas primeiras pacientes, uma mulher com o dobro da minha idade, havia sido retirada dos cuidados da família ainda bebê, pelo conselho tutelar, em função de maus tratos. Nem sempre era fácil ouvir tudo pelo qual ela havia passado, mas também não faltavam gargalhadas de suas experiências para se safar das situações difíceis e o prazer por cada conquista. A única coisa que inviabilizaria minha escuta de iniciante seria ter sentido pena dela.

Com ela, aprendi que ter reconhecida sua dignidade é uma das condições para a sobrevivência psíquica dos sujeitos. Para o filósofo Emmanuel Kant (1724-1804), a dignidade humana se relaciona à ideia de que ao homem não se deve

atribuir valor — no sentido do preço — pois ele é um fim em si mesmo, tem racionalidade e é insubstituível.

Recentemente atendi uma mulher lidando com um processo extremamente penoso de luto de um filho. Ela dizia não suportar a ideia de ser consolada por explicações religiosas, médicas ou pelo uso de remédios. Não buscava justificativas, mas o direito de ver reconhecida sua dor, sem atenuantes, sem desculpas, sem encobrir a lembrança do filho com a suposição de que existiriam respostas para o imponderável. Longe do consolo ou de soluções fáceis, buscava enfrentar o acontecimento e não entendia como as pessoas a sua volta não conseguiam respeitar sua posição. Dignidade é a palavra que me ocorre novamente.

O documentário “Cine Marrocos” (2019), ganhador do 24º Festival E Tudo Verdade, se passa nesse antigo cinema desativado que, em 2013, foi ocupado por famílias do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto.

As perdas ocasionadas pela guerra, pela violência de gênero, pela depressão, pela impossibilidade de ser absorvido pelo mercado de trabalho acabaram por empurrar esses sujeitos para a extrema vulnerabilidade social e psíquica, criando uma Babel de raças, nacionalidades, línguas e histórias. Não há o tom piegas de quem acha que o outro é coitado, mas há sensibilidade e graça. Há respeito à solução de cada um e há compaixão pelas histórias. O diretor e sua equipe não deram dignidade aos seus personagens-atores, porque eles já a tinham. Seu grande mérito foi reconhecê-la.

Dignidade e ética estiveram na moda por um bom tempo, mas deram lugar à corrida pelo sucesso e pela felicidade. O sucesso a qualquer preço — e suas falácias — e a promessa de felicidade perene nos atormentam. Responde-se ao ideal de felicidade com depressões e ao imperativo de sucesso com o eterno receio de enfrentar o mundo adulto.

Essas formas idealizadas da existência humana dificultam encarar uma vida pautada por prazeres simples, momentos de felicidade esporádicos e sucessos não necessariamente financeiros ou midiáticos.

No consultório, se escuta homens e mulheres entre 40 e 50 anos supostamente bem-sucedidos que se perguntam porque raios se dedicaram tanto a coisas sem sentido e onde está a felicidade prometida.

Se nossos jovens puderem reconhecer valor nos sujeitos, independentemente dos imperativos sociais de status e alegria permanente, talvez fiquem menos reticentes em relação à vida adulta e possam investir em realizações que respondam a seus legítimos anseios.

Caso contrário, permanecerão assombradas por um fracasso garantido de saída, quando comparado a fantasias megalomaniacas. Reconhecer que situações podem ser indignas, mas que os sujeitos não, é o melhor possível a se ensinar aos filhos.

**Vera Iaconelli é Diretora do Instituto Gerar, autora de “O Mal-estar na Maternidade”. É doutora em psicologia pela USP.*

Transcrito da Folha de São Paulo

Relação amorosa durável, uma aposta atual

Deonira L.Viganó La Rosa

Um dos pilares de sustentação do ser humano são os relacionamentos. Todos temos uma necessidade profunda e perene de superar a separação, de fugir da prisão da solidão. É a grande maioria das pessoas faz isto através de um relacionamento amoroso. É por isso que o namoro e o casamento não saem de moda e continuam acontecendo, alguns em formatos nunca antes imaginados. Mesmo que pareça o contrário, há uma busca por um porto seguro, por relações duradoras e satisfatórias que façam do casamento e da família um refúgio em relação aos estressores externos.

O amor, o namoro, o casamento, continuam temas importantes e frequentes nas pesquisas e estudos que se realizam mundo afora. Canções, poemas, filmes, romances, clips, todos falam de amor ao nosso entorno. E, paralelamente, observa-se hoje uma explosão na demanda por profissionais que



trabalham com o aconselhamento amoroso.

O AMOR ESTARÁ AI ENQUANTO HOVER UMA EXISTÊNCIA

O amor continua sendo entendido como a base para as interações sociais, a chave de todas as escolhas humanas. Entretanto é fundamental saber e aceitar que a compreensão do amor evoluiu, assim como mudaram as concepções do que é uma família, dos papéis sociais do homem e da mulher, de como as pessoas praticam sexo, da homossexualidade. Assim, os namorados e/ou os parceiros

no casamento estão condicionados pelo tempo histórico em que estão inseridos. O amor é uma construção, o casamento é dinâmico, um eterno vir a ser. Isolar os relacionamentos amorosos do contexto histórico-cultural é cair em falsas análises e criar conflitos com poucas chances de solução, sobretudo com os jovens.

As pessoas, e sobretudo os adolescentes, vivem a tensão gerada por modelos de amor e relacionamentos antigos e outros gerados pelas forças psicossociais da atualidade. Velho e novo aqui não são vistos como dicotômicos, e muito menos como idênticos. Entre as concepções dos modelos de amor pode haver uma continuidade, o velho e o novo amor tanto podem se mesclar como se contradizer.

Helen Fisher, uma das maiores autoridades atuais em comportamento humano, cita uma interessante pesquisa intercultural sobre o sentimento amoroso, independentemente de idade, de preferência sexual e de religião, o estudo revela que mais de 75% das pessoas declararam que "saber que meu (minha) companheiro(a) me ama e é amoroso(a) comigo conta mais a meus olhos do que fazer amor com ele (ela)". Em outros termos, conta mais viver com alguém e sobretudo sentir-se ama-

do(a) por ele(ela) do que deitar-se com ele(ela).

PODEMOS AMAR PARA SEMPRE?

O mundo contemporâneo traz como valores o individualismo, a instantaneidade, a competitividade, o ritmo frenético, o consumismo. No que diz respeito aos relacionamentos, a comunicação (em especial a internet) supera cada vez mais qualquer limite, resultando em profundas transformações para a condição humana. A internet dá às pessoas uma sedução de liberdade e este é o valor supremo da pós-modernidade. Conectar, desconectar, deletar ... o meio virtual vai se tornando cada vez mais real, o olho no olho se dá cada vez menos, as pessoas ficam sozinhas frente ao computador. A ideia de compromisso duradouro costuma causar sensações de aprisionamento, clausura e opressão, ao mesmo tempo é procurado com intensidade.

É possíveis sujeitos criarem mecanismos para que suas relações sejam de fato realizáveis, e também para que as práticas do amor na contemporaneidade se transformem, sejam satisfatórias e perdurem.

Para Erich Fromm o amor é uma arte, assim como viver é uma arte. Podemos e deve-

mos aprender a amar, como aprendemos a tocar piano ou a ser médico. O amor autêntico supõe sobrepor-se ao narcisismo ou a dependência para fundar uma relação amorosa baseada no respeito ao outro. A arte de amar é a arte da sedução.

Pesquisas mostram que casamentos satisfatórios de longa duração têm em comum aspectos como: acreditar que o casamento é uma parceria

para toda a vida; ter capacidade para resolver conflitos; manter a confiança entre os parceiros; desenvolver comunicação aberta e honesta; ter um sistema de valores em comum, um equilíbrio entre individualidade e conjugalidade e maturidade emocional que permita conviver saudavelmente com o outro.

Deonira L. Viganó La Rosa
Terapeuta de Casal e Família.
Mestre em Psicologia.

Cada família do MFC

1 ASSINATURA POR ANO:

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias. ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO.

fato e razão



Assinatura anual: R\$ 34,00



Envie o nome e endereço de um filho, amigo ou parente, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês...



Faça um cheque nominal, cruzado ao MFC ou



Efetue depósito na conta 27249-3, agência 3139-9 - Banco do Brasil;



Envie os dados pelo E-mail da Revista ou pelo **Whatsapp (32) 98702-1600**



E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Tel: (32) 3235-8286, de 13:00 às 18:00

**Distribuidora Fato e Razão - Rua Barão de Santa Helena, 68
JUIZ DE FORA/MG - CEP 36010-520**



Último a sair apaga o fogo

Paulo K. de Sá*

Em tempos de avanço no desmatamento da Amazônia, uma das áreas mais importantes do planeta para a regulação do clima, biodiversidade e sobrevivência de inúmeras espécies, inclusive a nossa, assistimos a uma voraz investida sobre um dos maiores patrimônios da humanidade. Como se não bastasse, a Mata Atlântica e, principalmente, o Cerrado são devastados em meio à nuvem de fumaça na Amazônia.

Sabemos que o modelo econômico dita as decisões

políticas, e seria ingenuidade não entendermos que a virada conservadora na política nacional e internacional levaria a esse quadro. Em nome do consumo e do crescimento ininterrupto, as corporações não irão se deter no avanço sobre os ecossistemas, transformando tudo em commodities.

No entanto, a divulgação dos cientistas de que dispomos somente de 12 anos para reverter radicalmente o quadro atual, para viabilizar a sobrevivência da maioria da humanidade e das espécies até o final do século, co-

locou em xeque tudo o que fazemos e escolhemos.

Não precisa ser gênio para entender que a mudança na dinâmica dos principais ecossistemas terrestres e marinhos provoca e provocará, cada vez mais intensamente, ondas de calor e frio, gerando a deterioração nas condições de vida. Toda essa mudança provoca efeitos previsíveis e imprevisíveis. Conhecemos pouco sobre os impactos que as mudanças causadas pela alteração nos ecossistemas poderão gerar, especialmente nos microrganismos, assim como na saúde de todos. Para além da degradação ambiental e do desconforto que a alteração climática provoca, em uma escala mais frequente, os danos se tornam economicamente desastrosos por um lado e oportunidade para gananciosos do outro.

A alteração dos ecossistemas não se dá pura e simplesmente pelo desmatamento, mas também pelo abusivo uso de defensivos agrícolas, alterando a flora e a fauna e com importantes consequências em nossa saúde. Desde o início do ano, foi autorizado no Brasil o uso de inúmeros agrotóxicos condenados em vários países. Tudo em nome da es-

cala econômica e ampliação da fronteira agrícola para enfrentar a fome do mundo, promessa essa que sempre esteve como máxima convincente, mas que nunca foi cumprida pela dita revolução verde.

Em meio à destruição, existem vários oportunistas que ganham dinheiro. Para alguns, a destruição é ótima oportunidade para lucrar com a reconstrução, redução de danos e medidas posteriores de minimização dos efeitos deletérios ocasionados pelos eventos climáticos.

Resta a pergunta: que tipo de humanos nos tornamos ao longo da história se o risco de desaparecimento como espécie for menos importante do que o controle mundial da economia e das oportunidades de ganho de capital? Parece que chegarmos ao final do século saudáveis ou não é menos relevante. O que interessa é como podemos ganhar dinheiro com o adoecimento e o sofrimento em massa, em meio a ecossistemas deteriorados.

**Paulo K. de Sá é Médico e coordenador da Faculdade de Medicina de Petrópolis*

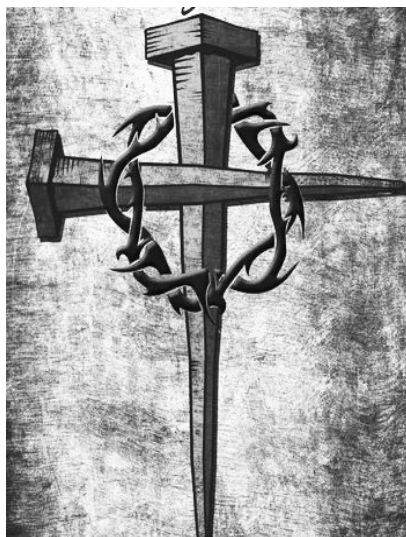
Transcrito da Tribuna de Minas

A cristologia e a renovação do CRISTIANISMO

Ursula King*

Teilhard de Chardin via a si próprio como um "apóstolo do Cristo cósmico" e estava convencido de que, se fosse concedido um maior espaço ao Cristo cósmico e universal, essa abertura acarretaria uma "nova era para o cristianismo", uma era de "libertação e expansão interiores". Ele foi um crítico ferrenho de sua própria Igreja, que por vezes já não lhe parecia verdadeiramente católica, verdadeiramente universal, mas "defensora de um sistema, de uma seita". Uma de suas críticas mais contundentes contra a Igreja data de 1929, e talvez tenha sido esse o julgamento mais severo de todos, segundo Henri de Lubac:

... a única coisa que posso ser: uma voz que repete, "*opportune et importune*",



que a Igreja se enfraquecerá se não conseguir se desvencilhar do universo artificial da teologia verbal, do sacramentalismo quantitativo, das devoções super-refinadas em que está envolvida, a fim de se reencarnar nas reais aspirações da humanidade... Evidentemente, tenho clara percepção do paradoxo dessa atitude: se preciso de Cristo e da Igreja, deveria aceitar Cristo tal como apresentado pela Igreja, com sua carga de ritos, administração e teologia.. Mas agora não posso ignorar a evidência de que chegou o momento em que o impulso cristão deve "salvar Cristo" das mãos dos clérigos para que o mundo possa ser salvo.

Teilhard está atacando aqui aqueles que se refugiavam no passado, os escritores de teologia “cuja ‘prosa morta’ nunca é reavivada por nenhuma “seiva religiosa”, e nos quais só se encontram “verdades já digeridas centenas de vezes, sem nenhuma essência viva. Para Teilhard, no entanto, a fé e a espiritualidade cristãs podem ser revitalizadas e captar novas energias de uma concepção mais abrangente de Cristo.”

Ao manifestar os esplendores do Cristo universal, o cristianismo, sem cessar de ser para a Terra a água que purifica e o óleo que mitiga, adquire um novo valor. Na medida em que realmente provê as aspirações da Terra de um objetivo que é a um só tempo imenso, concreto e seguro, o cristianismo resgata a Terra da desordem, das incertezas e da náusea que são os principais perigos de amanhã. Provê o fogo que inspira o esforço humano. Em outras palavras, ele é visto como a forma de fé mais adequada às necessidades modernas: uma religião do progresso – a verdadeira religião do progresso da Terra iria até mais longe, ao afirmar que o cristianismo é a verdadeira religião da evolução.

Teilhard fez reiteradas sugestões em prol de uma renovação da teologia cristã, uma renovação da vida e da santidade cristãs, uma renovação da espiritualidade e da mística cristãs. Com efeito, foi sobretudo por volta do fim de sua vida que ele se mostrou mais preocupado com esses temas da renovação. Foi principalmente ao retornar da China para a Europa, após o final da II Guerra Mundial, que Teilhard se deu conta da crescente crise de credibilidade entre o cristianismo tradicional e o mundo moderno. Não escrevera anos antes que “devemos, com tudo o que de humano existe em nós, repensar nossa religião... O cristianismo, por fim, deve aceitar incondicionalmente as novas dimensões (espacial, temporal e psicológica) do mundo que nos cerca” Como cristão, ele não acreditava que o cristianismo desapareceria, embora reconhecesse que estava passando por um período de profunda transição e “que o cristianismo (exatamente como a humanidade que ele comporta) está chegando ao final de um dos ciclos naturais de sua existência”

Teologicamente, Teilhard considerava esse fenômeno importante para completar a tarefa inacabada dos de-

envolvimentos cristológicos dos primeiros cinco séculos cristãos, pela reflexão sobre a natureza cósmica de Cristo. Ele reivindicava um novo concílio de "Nicéia", não para uma vez mais tratar de Cristo e da Trindade, mas para discutir uma nova maneira de entender a relação entre Cristo e o universo. Três Cristos devem ser reconhecidos e exaltados: um Cristo histórico, um Cristo cósmico e um Cristo transcendente. Ewert Cousins, em *Christ of the 21 st Century* [Cristo do século 21], considera a visão teilhardiana do Cristo cósmico como uma importante parte da "plenitude do mistério de Cristo", que temos de redescobrir para uma renovação da espiritualidade cristã. Como escreveu Teilhard, "o cristianismo é muito mais do que um sistema fixo de verdades que devem ser literalmente aceitas e preservadas, sistema esse que nos teria sido apresentado de uma vez por todas. Embora se baseie em um núcleo de 'revelação', ele representa, de fato, uma atitude espiritual que está continuamente se expandindo; é o desenvolvimento de uma consciência crística que se coaduna e satisfaz as necessidades de crescente conscientização da humanidade". Para Teilhard, essa crescente consciência esta-

va intimamente relacionada com um desenvolvimento mais abrangente e mais rico da espiritualidade.

Será que podemos ver os sinais desse desenvolvimento em nosso mundo atual? Vivemos em meio a tanta discórdia, a tantos conflitos, pobreza, violência, injustiça e incertezas, que parece difícil perceber o crescimento e o desenvolvimento espirituais. Apesar disso, há diversos sinais de um renovado interesse pela espiritualidade: aumenta a publicação de "clássicos espirituais", cresce o movimento de retiros e meditações. Muitas pessoas se sentem profundamente insatisfeitas com nossa cultura materialista e sensualista. Aspiram a uma visão e a um modo mais rico e pleno de ser humano. Teilhard era de opinião que muitos dos novos humanismos do século XX são agentes de desumanização, ao passo que as formas ainda vivas de teísmos, inclusive o cristianismo, tendem a não desenvolver plenamente nossa humanidade, na medida em que "permanecem sistematicamente fechados aos amplos horizontes e aos grandes ventos da cosmogênese, e já não se pode dizer verdadeiramente que sentem com a Terra - uma Terra cujas fricções internas eles ainda

podem lubrificar como óleo macio, mas cujas energias propulsoras não conseguem animar como deveriam”.

Vasta e complexa, a obra de Teilhard contém muitas ideias seminais para a teologia, sempre formuladas mais como sugestões, explorações e reflexões instigantes do que como um corpo de pensamento sistematicamente desenvolvido. Seu interesse e compromisso fundamentais eram profundamente pastorais, missionários e apologéticos, no sentido mais amplo. Mas será que suas ideias podem ter alguma incidência sobre os cristãos hoje? Poderão elas fazer sentido para os povos de outras religiões? Será que seu Cristo universal é muito exclusivista, preponderante demais para deixar espaço à alteridade? Eis algumas das questões que exploro nos demais capítulos de meu livro.

Podemos abordar Teilhard em muitos níveis diferentes: ele foi um membro fiel da Igreja Católica e da Ordem dos Jesuítas; uma testemunha poderosa do evangelho cristão; debateu-se com a problemática de Deus na cultura contemporânea e percebeu a urgente necessidade de uma maior coerência entre ciência, religião e mis-

ticismo. Mas perfilou-se sobretudo em favor do poder e da dinâmica espiritualmente transformadores da fé cristã, de uma visão centrada no âmago e na essência do cristianismo: a crença em Deus encarnado — encarnado na humanidade e no mundo, no cosmos e na matéria.

Teilhard aderiu a essa fé com imensa santidade e sofrimento. Uma fé cuja aquisição não se deu facilmente, mas à custa de muito sacrifício, de muito esforço e de muita luta. A espiritualidade teilhardiana não se resumia à união e à adoração divinas. Pelo contrário, era também, total e literalmente, uma espiritualidade de resistência e de força, nascida da aflição. Sua consciência era verdadeiramente cristica, uma espiritualidade mística nova e original. Gostaria de citar o “Louvor ao Sempre Grandioso Cristo”, escrito por Teilhard de Chardin:

Senhor, visto que, por inata tendência e em meio a todos os riscos de minha vida, fui impelido incessantemente a te buscar e a te estabelecer no coração do universo da matéria, hei de ter a alegria de, quando sobrevier a morte, fechar meus olhos em meio ao esplendor de uma transparência universal incandescente de fogo...

Senhor de consistência e de união, tu, cujo sinal característico e essência é o poder de tomar-te indefinidamente maior, sem distorção nem perda de continuidade, à medida da misteriosa Matéria cujo Coração preenches e cujos movimentos em última instância controlas - Senhor de minha infância e de meus derradeiros dias - Deus, completo em relação a ti mesmo e no entanto, para nós, em contínuo nascimento...Deixa que tua universal Presença emane em um cla-

rão que seja a um só tempo Diafania e Fogo.

Oh Cristo sempre maior!

**Ursula King é Professora e Chefa do Departamento de Teologia Religiosa da Universidade de Bristol. Inglaterra, além de fundadora do Teilhard Centre, sediado em Londres.*

Transcrito do site: Ciberteologia

**N.E. – Trecho da obra
"Cristo em todas as coisas,
a espiritualidade na visão
de Teilhard de Chardin".
São Paulo.Paulinas, 2002**

Frases que fazem você pensar

*Se você está procurando uma grande oportunidade,
descubra um grande problema.*

Martinho Lutero

*Cada vez que você faz uma opção está
transformando sua essência em alguma coisa um
pouco diferente do que era antes.*

C.S. Lewis

*Se você crê somente naquilo que gosta no evangelho
e rejeita o que não gosta, não é o evangelho que você
crê, mas sim, em si mesmo.*

Santo Agostinho



A INDIGNAÇÃO



Oscar Vilhena Vieira*

A indignação passou a ocupar um papel central em nossas vidas. As pessoas não mais se contentam em discutir, criticar e discordar. Precisam deixar claro que estão indignadas.

A indignação é um sentimento de cólera ou raiva em relação a algo que se considera desprezível ou incorreto. Não se trata de um sentimento necessariamente ruim. Se não tivéssemos a capacidade de nos indignar, dificilmente nos mobilizaríamos para enfrentar a opressão ou a injustiça.

Sendo um sentimento intenso e avassalador, no entanto, a indignação reduz a nossa capacidade de enxergar as vicissitudes do outro, ter uma postura reflexiva e manter uma disposição para o diálogo e a autocontenção.

O indignado, por natureza, coloca-se numa posição moralmente superior aos demais. Repudia não apenas aqueles que praticam atos vistos como indignos como também despreza os que não partilham sua indignação, muitas vezes vistos como traidores. Isso gera intransigência, intolerância e extremismo, favorecendo a polarização e a tensão social.

A indignação não é, portanto, a melhor conselheira para a vida política. Essa exige tolerância, diálogo, moderação e, porque não dizer, composição de interesses. Quando o objeto da indignação é a própria política, e não apenas um comportamento político, temos um problema ainda maior.

Sendo o conflito inerente a qualquer sociedade humana — e especialmente agudo em sociedades plurais

—, necessitamos de alguma ferramenta capaz de coordenar nossas diferenças, arbitrar conflitos e estabelecer regras de convivência, sem o que estaremos fadados à barbárie.

Essa ferramenta é a política. Só ela permite transformar o inimigo em adversário, o outro em cidadão e com ele construir uma trajetória comum, pautada na tolerância e no respeito, ainda que mantida a divergência e a competição.

A política conduzida no âmbito da democracia constitucional tem como premisa fundamental que todas as pessoas têm igual valor. Dessa forma, seus interesses e valores devem ser levados em consideração na formação da vontade coletiva, sem permitir que os direitos de cada um possam ser atropelados pela vontade da maioria. A democracia constitucional é o mecanismo institucional que busca conciliar a vontade da maioria com os direitos e liberdades de cada um.

É contra essa concepção de política que muitos têm manifestado a sua indignação. Políticos populistas são especialistas em encarnar e explorar o sentimento de indignação da população. Quando as coisas não vão

bem e o medo e a desesperança dominam, surge sempre um populista com soluções mágicas, disposto a acabar com “tudo que aí está”. Reforçam o sentimento de indignação e se projetam como únicos capazes de reestabelecer uma “ordem harmônica”. Os que não se alinham devem ser combatidos. Regras e instituições, moldadas para moderar o exercício do poder, devem ser destruídas.

É nesse contexto que devemos interpretar a indignação daqueles que foram às ruas pedir o fechamento do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal. Estão indignados com a política e com o direito e, portanto, querem suprimi-los.

O Brasil tem desafios enormes como a desigualdade, a violência, o baixo crescimento, a falta de produtividade e o desemprego. Se quisermos superar esses verdadeiros problemas, precisamos substituir a indignação histriônica pela disposição prática em resolvê-los democraticamente.

**Oscar Vilhena Vieira é Professor da FGV Direito SP, mestre em direito pela Universidade Columbia (EUA) e doutor em ciência política pela USP.*

Transcrito da Folha de São Paulo

EM DEFESA DA VIDA



Denise Gasparetti Drummond*

"Apregoa-se a legalização do aborto como caminho para o direito da mulher sobre seu próprio corpo. Eu pergunto: qual o direito reservado ao feto guardado no ventre materno?"

Quando observo as discussões acaloradas a respeito da temática do aborto, considero oportuno posicionar-me diante da sociedade, como singela contribuição, após 30 anos exercendo a ginecologia e a obstetrícia. Apregoa-se a legalização do aborto como caminho para o direito da mulher sobre seu próprio corpo.

Eu pergunto: qual o direito reservado ao feto guardado no ventre materno?

Elencam estatísticas avassaladoras sobre mortalidade. Porém, o aborto, que igualmente ceifa vidas, também não robustece esses números? Desnadam a miséria; porém minimizam a pobreza com mais flagelo?

Os índices de ignorância não deveriam ser combatidos com galardão da educação e a distribuição do conhecimento?

Quando observamos que o tempo é o que distancia o feto do homem, lutamos realmen-

te pela vida quando destruímos o homem no seu berço primeiro?

Apontamos para os índices de violência, entristecidos com desfechos desanimadores. Porém, através do aborto, igualmente, não trucidamos a vida no seu nascedouro? Acreditamos muito sermos cristãos, envolvidos pelas palavras de nosso Nazareno: "Eu sou o caminho, a verdade, a vida". Afinal, de qual lado nos encontramos? Da vida ou da morte?

Quando nos referimos ao conceito amplo de saúde, qual a condição emocional das mulheres que optam pelo aborto? Os consultórios não estão cheios de consciências angustiadas por escolhas que o tempo teima em não apagar?

Ao contrário, não testemunhamos alegrias incommensuráveis naqueles corações que, torturados por dilemas dessa natureza, optaram pela vida, ainda que diante de enfrentamentos acerbos?

Também não testemunhamos filhos com personalidades admiráveis se revelarem diante de mães que desistiram da opção pelo aborto, enquanto ainda desesperadas por questões circunstanciais? Não vemos nas mães amparadas por aqueles que

cogitaram sacrificar imagens fixadas nos escaninhos dolorosos de sua memória?

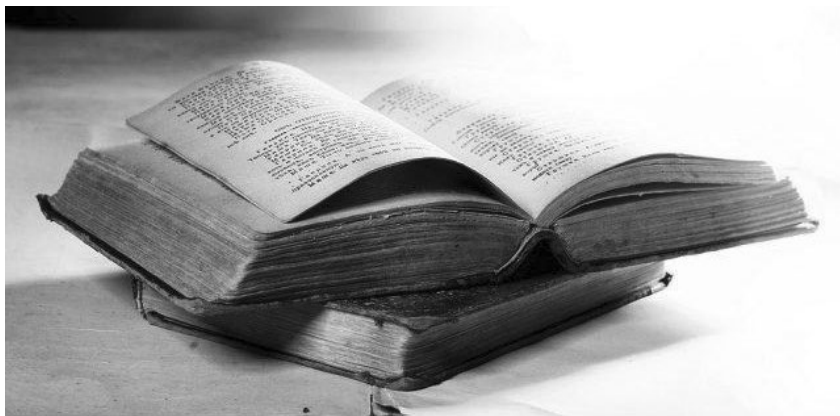
O que dizer daqueles que escaparam das tentativas frustradas da interrupção da gestação? Não identificamos, muitas vezes, corações que parecem iluminar a noite escura de muitas famílias? Dados negativos não deveriam ser trabalhados por escolhas que valorizassem a vida e não a morte?

Por fim, questiono ao intelecto daquele que escaneia essas linhas: acredita você que a vida apenas começa no berço e se encerra no túmulo? Acredita você que a vida não merece uma análise mais profunda, em que se reflexione além da superfície e se aprofunde sobre seus aspectos científicos, éticos, morais, filosóficos e religiosos?

Por fim, não seria a vida um manancial de oportunidades e desafios, vislumbres e expectativas, chance de progresso, bênção de experiências e um verdadeiro oceano de possibilidades para amar?

**Professora associada de ginecologia e obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).
Médica com graduação e residência pela UFJF, mestrado e doutorado pela UFMG*

FUNDAMENTALISMOS: QUAL O PERIGO?



Ricardo Rodrigues Werneck*

Segundo o dicionário Aurélio, fundamental é um adjetivo masculino e feminino, usado quando se quer referir a algo que tem caráter essencial, básico, principal, absolutamente necessário e indispensável. Segundo o mesmo dicionário, fundamentalismo significa obediência rigorosa e defesa intransigente de uma doutrina, ideologia ou norma.

Parece-nos, numa análise estritamente vernacular, simples de entender o significado, a abrangência e as diferenças entre os vocábulos. O aprofundamento teórico, a contextualização e a exegese, no entanto, nos levam a melhor refletir sobre o sentido histórico, teológico e filosófico, o

que, naturalmente não é objeto de análise por parte dos dicionários.

O termo fundamentalismo foi originalmente apropriado por um movimento conservador na comunidade protestante dos USA, na primeira metade do século XX, logo após a primeira grande guerra mundial (1914-1918), como reação à teologia do modernismo. Foi uma reação liderada pelo pastor Curtis Lee Laws contra o segmento liberal protestante estadunidense iniciado em fins do século XIX. Assim como no Antigo Testamento, o discurso utilizado pelos adeptos da campanha fundamentalista continha elementos de batalha, muitas vezes até bélicos. Um dos alvos desse gru-

po de fundamentalistas era a abertura que os protestantes mais liberais estavam dando para discursos científicos, como a teoria da evolução de Charles Darwin.

Outras ideologias, em contextos diferentes, também se valeram da mistura do discurso político com o religioso para afirmarem seus princípios, como o grupo terrorista irlandês IRA, que pregava a separação da Irlanda do Norte do Reino Unido. O KuKluxKlan, sociedade secreta fundada no estado do Tennessee (USA), atualmente com sede no Arkansas, também é outro exemplo. Ele utilizava ideologias raciais e eugenistas associadas a um protestantismo puritano. Entre os muçulmanos, mas não somente entre eles, como é comum se formar opinião insustentável baseada em noticiários de TV, existe o wahabismo islâmico, que desde o século XVIII promove formação intelectual terrorista. Seu mais célebre seguidor foi Osama Bin Laden.

Pelo exposto acima, fica evidente que o fundamentalismo, ou fundamentalismos, não se restringe ao campo religioso. Fato é que esta prática está intimamente ligada às nossas relações econômicas, políticas, culturais e até à produção científica. O pensamento e a atitude fun-

damentalista na economia neoliberal têm levado milhões de pessoas à exclusão social. O fundamentalismo científico se apropria do saber e rejeita qualquer outra forma de produção que não seja moldada pelo que se considera método científico.

O fundamentalismo religioso talvez seja o mais perverso, por manipular sentimentos e emoções, incapaz de propiciar espaço para o diálogo, ao contrário, impõe regras, crenças e visões de mundo muitas vezes baseadas na violência. A justificativa para estas condutas se encontra exatamente na própria Bíblia. Uma leitura descompromissada com a contextualização e a exegese poderiam nos conduzir, por exemplo, a fazer como em Js 6,21: "... passando a fio de espada tudo o que nela se encontrava, homens, mulheres, crianças, velhos e até mesmo os bois, as ovelhas e os jumentos."

O fundamentalismo, seja ele qual for, religioso, político, econômico, cultural ou científico, para justificar atitudes, políticas ou condutas, como vimos pode ser muito perigoso. Entretanto o maior perigo é o da desconstrução da imagem de um Pai justo, equânime, mas essencialmente amoroso, que Jesus nos revelou ao chamá-lo ca-

rinhosamente de Aba (Mt. 14,6; Rm. 8,15; Gl.4,6).

Referências bibliográficas:

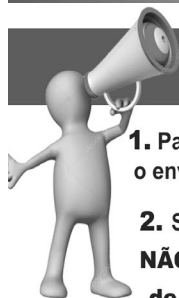
Armstrong, K. Em nome de Deus – o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das letras, 2009. P. 157.

Wenzel, J. I., Rossi, R., Witter, T. Fundamentalismos: Relação entre Religião, Política e Direitos Humanos. São Leopoldo-RS: CEBI, 2011.

**Doutor em Ética pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - UTAD- Portugal
Membro do MFC – Juiz de Fora*

“Só quem abandonou seu ego é realmente livre, e nele Deus vai reinar.”

Anselm Grün



AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.

2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo tel **(32) 3235-8286**, de **13:00 às 18:00** ou pelo endereço eletrônico da livraria MFC: **livraria.mfcgmail.com** ou ainda pelo **whatsapp (32) 98702-1600**.

3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.



**Temos o máximo
prazer em mantê-lo
como assinante.**

Lógica do poder



Frei Betto*

Uma observação de Voltaire (1694-1778) ressalta por que tantas pessoas emitem ofensas nas redes digitais e, assim, revelam mais a respeito do próprio caráter do que do perfil de quem é desrespeitado. “Ninguém se envergonha do que faz em conjunto”, escreveu em “Deus e os homens”.

Isso explica a insanidade dos linchamentos virtuais e a violência gerada pelo preconceito, como bem demonstra o filme “Infiltrado na Klan”, de Spike Lee, vencedor do Oscar de melhor roteiro adaptado em 2019. Muitos de nós jamais ofenderíamos pessoalmente um interlocutor com injúrias e palavrões. No entanto, há quem seja capaz de replicar nas redes digitais ofensas a inúmeras pessoas,

sem sequer se dar ao trabalho de apurar se a informação procede. Ao ser humano é dada a capacidade de discernimento, atributo que lhe permite o exercício da liberdade. Há, contudo, quem prefira abdicar desse direito de optar livremente. Prefere deixar que as decisões sejam tomadas pelo líder, guru ou mentor do grupo social com o qual a pessoa se identifica. Opta pela “servidão voluntária”, na expressão de La Boétie (1530-1563). E todos que não comungam o seu credo são considerados inimigos, hereges ou traidores, e devem ser varridos da face da Terra. Essa submissão de si à vontade do outro ocorre em partidos políticos, empresas, associações e, sobretudo, em segmentos religiosos. No caso de Igrejas, a dominação ideológica é legitimada pela

suposta vontade de Deus ecoada pela voz do pastor ou do padre. Assim, difunde-se uma perigosa teodiceia pela qual tudo se explica pela lógica divina, ainda que a humana não consiga digeri-la.

Se há uma catástrofe como a de Brumadinho, se estou desempregado, se perco um filho atingido por bala “perdida”, não devo protestar ou lamentar. Deus tinha algo em mente para permitir que tais desgraças acontecessem. Assim a teodiceia se transforma em panaceia. É o recurso da apatia como anestesia da consciência. O exemplo paradigmático é o extermínio das vítimas do nazismo. A ordem genocida não saía da cabeça de um tresloucado, e sim de quem tinha plena (e tranquila) consciência do que fazia, como demonstrou Hannah Arendt.

A ordem inicial se desdobrava em sequência. Um dirigia o caminho até o alojamento dos presos; outro os encaminhava ao veículo; outro ordenava se despirem e distribuía toalhas e sabão; outro apertava o botão vermelho; e, por fim, um grupo retirava os corpos da câmara de gás sem a menor ideia de porque foram mortos. Processo confirmado pela descoberta, em 1980, dos relatos escritos pelo grego Marcel Nadjari e guardados no interior de uma

garrafa térmica enterrada no solo de Auschwitz, onde ele, prisioneiro, fazia parte do Sonderkommando, a equipe que retirava os cadáveres das câmaras de gás.

Isso se repete hoje em instituições que controlam o mercado financeiro mundial, como o FMI e o Banco Mundial. Ao propor ajustes fiscais, austeridade, teto de gasto a países periféricos, seus oráculos não são movidos por um sentimento de maldade para com povos que verão agravada sua situação de pobreza. Eles seguem a lógica do sistema: esses países tomaram dinheiro emprestado de credores nacionais e internacionais e, agora, precisam honrar suas dívidas. Ainda que isso signifique aumento da mortalidade infantil e do desemprego. Esta é a lógica do poder, que nem sempre leva em conta os direitos dos subalternos. Isso vale para os casos de feminicídio, nos quais o homem agride a mulher; dos neonazistas que odeiam negros e judeus; dos internautas que vociferaram porque a Justiça permitiu que Lula, prisioneiro, comparecesse ao sepultamento do neto. Como frisou Bachelard (1884-1962), “quanta amargura há no coração de um ser que a doçura corrói”.

Transcrito de O Globo

O significado sagrado da Palestina para os muçulmanos



Patrícia Soares *

Jerusalém, ou Al Quds, como os muçulmanos a chamamos, foi a primeira quiblah, ou lugar para o qual dirigimos nossa frente quando nos prostramos em adoração a Alá.

A Mesquita de Al Aqsa é sagrada para os muçulmanos. Disse o profeta Mohammad: uma oração na mesquita de Al Aqsa equivale a 500 orações em qualquer outro lugar.

Foi a mesquita para a qual nosso profeta foi levado como um milagre de Alá. De Meca e de Al Aqsa, viajou por todo o universo, incluindo sua visita ao paraíso e sua reunião com todos os outros profetas. Re-

alizou a viagem noturna em uma criatura mítica chamada Al Buraq, que, segundo a crença e as escrituras, tem um aposento sagrado na mesquita de Al Aqsa.

A mesquita e o lugar conhecido como o domo da rocha, de onde o profeta Mohammad subiu ao céu, é sagrado para os muçulmanos e é também lugar de peregrinação.

E inaceitável que uma lei racista tente se sobrepor a séculos de história, cultura e autodeterminação do povo palestino.

A lei votada em Israel estipula que apenas os judeus têm o direito exclusivo à autodeterminação nacional.

O governo de Israel quer impor a Jerusalém uma única bandeira nacional, a de Israel, abolir a língua árabe e ter como única língua oficial o hebraico e como único hino nacional o de Israel. Declara Jerusalém como parte de seu Estado indivisível, expressando seu ódio e racismo contra os demais povos que convivem há séculos.

Israel sonha enfim com uma limpeza étnica e utiliza métodos racistas de apartheid com todo seu enfoque sionista de 70 anos de ocupação das terras palestinas.

Ao serem implementadas as novas leis votadas, nas visitas guiadas a turistas aos lugares sagrados da Terra Santa, os intérpretes árabes não podem trabalhar. Nem os arqueólogos.

Até mesmo a informação arqueológica tem sido falsificada, assim como se tenta apagar a memória dos feitos históricos dos palestinos.

A Palestina sofre uma tentativa de ser desabilitada da história, a nossa Terra Sagrada, onde um dia conviveram pacificamente as três grandes religiões monoteístas, como irmãs.

Nós, muçulmanos, reivindicamos os a todos os profetas ou mensageiros de Alá, incluindo os profetas da religião judaica.

Sabemos que o profeta Moisés nunca chegou a terras palestinas, morreu no deserto e jamais ordenou massacrar outras tribos ou roubar terras, mas os judeus desviados de tudo que se diz na Torá, insistem no método de falsificar a história e chamam seu projeto colonizador, que quer expulsar os palestinos de suas terras, de "Plano do Século".

Nós o chamamos de "Plano Diabólico". Baseado na mentira de uma "Terra sem Povo para um Povo sem Terra e escolhido por Deus", que na prática se traduz por subjugar por meio da força militar quem vive na região há 6 mil anos antes de Cristo e falsificar sua história ancestral para que pensem que os donos da terra são os seus genocidas.

Os primeiros judeus só chegaram a Canaã 600 anos depois do profeta Ibrahim ou 1,4 mil anos antes de Cristo. Os cananeus, árabes que hoje são os palestinos, habitavam aquelas terras 4,5 mil anos antes dos judeus.

Todos aqueles que tem fé e querem um mundo justo devem se somar à resistência do povo palestino oprimido. Israel não tem poder moral para designar Jerusalém, terra sagrada para as três grandes religiões mo-

noteístas da humanidade, como exclusivamente sua.

São agressores, desviados da religião e nada tem a ver com o que pregou Moisés ou Davi.

A força moral pertence ao povo palestino. Aquela força que surge de um povo oprimido, que há décadas vê suas famílias assassinadas ou em cárceres desumanos, casas e plantações destruídas, terras e águas roubadas, seu sangue derramado, geração após geração.

Terra de órfãos, viúvas, mutilados vivendo em campos de concentração na área na qual antes tínhamos tantas oliveiras, símbolo da paz que Israel derrubou e queimou-as para fazer suas casas bizarras.

Por todo o passado ancestral de fé da humanidade e

por um futuro de justiça e liberdade para cristãos, judeus de religião e muçulmanos, lutemos pela Palestina ao lado do povo oprimido.

Jerusalém é de toda a humanidade e é capital da Palestina por direito ancestral e legítimo.

Jamais deixaremos esta causa de Alá e de toda a humanidade.

“A verdade chegou e a falsidade desapareceu. A falsidade está certamente destinada a desaparecer”

AI Corão, Surata dos filhos de Israel,⁸¹

**Patrícia Soares é Historiadora da PUC/SP, professora da rede pública de ensino. Foi também professora da Universidade Islâmica do Brasil/UNISB.*

Fonte: Carta Capital



Só o conhecimento salva

Suzana Kahn*

Diante do cenário social, político e econômico atual, faz todo o sentido promover uma maior conexão entre as diferentes áreas de conhecimento. Por conta da necessidade de habilidades variadas, as universidades têm papel fundamental, pois não só reúnem as diferentes competências necessárias para construir um novo caminho alinhado com as aspirações de um desenvolvimento sustentável, como também estimulam a capacidade de questionar e reanalisar criticamente as opções a serem trilhadas.

As universidades são espaços abertos ao novo, que nos permitem, inclusive, encontrar caminhos que ainda nem haviam sido cogitados. Não há dúvida de que um país com sólida base científica

tem maior chance de prosperar, resultando em benefícios para a sociedade. As visões de curto prazo e emergenciais fazem com que se permaneça estagnado, uma vez que o conhecimento científico é um processo contínuo e cumulativo, que para ser eficiente e eficaz necessita ser incorporado a uma agenda de Estado.

Os avanços científicos e do conhecimento possibilitam geração de riqueza, de empregos, de mais tempo disponível para lazer, estudo, socialização, em resumo, melhor qualidade de vida. É provável que o século XXI seja visto, no futuro, como o período no qual o mundo se conectou e, com isso, mudou a economia e hábitos de consumo, possibilitando um crescimento econômico mais inteligente e limpo, com grande participação da sociedade. Para

acompanhar esta tendência, há que se valorizar o investimento no desenvolvimento científico. Negligenciar a importância do avanço científico e tecnológico é comprometer o futuro. Implica reduzir as chances de encontrar alternativas para superar os crescentes e complexos desafios sociais, econômicos, ambientais. E assim nos aproximar da possibilidade de viver em um mundo mais justo e menos desigual.

Somente o conhecimento é capaz de ser o protagonista da inclusão do Brasil em uma rota de desenvolvimento sustentável, na qual as questões econômicas, sociais e ambientais estarão devidamente equacionadas. Fomentar uma transformação para o progresso do país requer um esforço coletivo, envolvendo múltiplas capacidades e áreas de conhecimento. Não reconhecer a relevância da área de pesquisa, desenvolvimento e inovação em toda a sua abrangência é

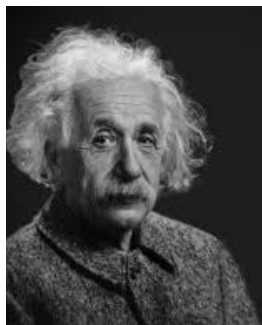
condenar o país a permanecer à margem do futuro.

Não reconhecer a relevância da área de pesquisa, desenvolvimento e inovação em toda a sua abrangência é condenar o país a permanecer à margem do futuro.

Segundo o INPE (Instituto Nacional de Pesquisa Espacial), o mês de junho de 2019 foi catastrófico. Na Amazônia Legal Brasileira o desmatamento atingiu 920 Kms quadrados, aumentando 88% em um ano.

O BRASIL PERDEU A REFERÊNCIA DE PAÍS EXPOENTE DO MEIO AMBIENTE. Ser percebido, no mundo, como INIMIGO DO VERDE significa DAR UM SALTO NO ABISMO DAS RELAÇÕES SOCIAIS, POLÍTICAS E ECONÔMICAS cujas consequências são catastróficas.

FATO E RAZÃO PERGUNTA:
- O que cada leitor pode e deve fazer objetivando a reconstrução ambiental?



*“Tolice pe fazer as coisas
sempre do mesmo modo e
aguardar resultados
diferentes.”*

Albert Einstein

Tem alguém aí?



A comunicação percorre toda história do homem desde os primeiros tempos em suas diversas formas de interação. Entre essas formas, a comunicação passou por muitas transformações até estar onde conhecemos “hoje”.

Na história da humanidade o Período Paleolítico marcou as primeiras representações gráficas de comunicação. O homem passou a se expressar por pinturas rupestres, ou seja, desenhos feitos em cavernas.

De lá pra cá com a chegada da internet 1990/92, tudo ficou mais ágil e eficaz entre nós usuários, certo?

Milhões de emails substituem as cartas tradicionais, sites de relacionamentos, sms, troca de fotos e vídeos com instagram e por aí vai.

A tecnologia coloca à nossa disposição informações sobre praticamente tudo o que imaginarmos. Por meio de inúmeras ferramentas,

podemos conversar virtualmente com pessoas do mundo todo. Porém, nenhuma tecnologia, por mais arrojada que seja, substitui a riqueza do contato humano, olho no olho. Claro que com o mundo globalizado, por necessidade as distâncias geográficas foram reduzidas e novas oportunidades de relacionamentos se abrem através das redes.

Há consenso de que uma das causas principais dos insucessos nas organizações e projetos é a falta de feedback (retorno), que torna as comunicações deficientes e geradoras de conflitos e improdutividade. De um modo geral, as pessoas não se sentem comprometidas em dar

retorno, seja por uma equivocada sensação de poder, falta de hábito, negligência, desvalorização do outro ou por simples falta de educação. O fato é que do outro lado alguém fica à espera, ouvindo o próprio eco. Daí as crises crônicas de relacionamento, disputas e falta de integração.

A conversa pode ser boa, clara e objetiva, seja oral pessoal, escrita ou videoconferência, se você não der um retorno algumas horas ou dias depois, o resultado será negativo. O interlocutor deve saber o que você pretende fazer e que ações está tomando para solucionar, opinar, criticar, contrapor uma proposta ou situação.

Esse retorno pode ser feito por meio de outra conversa, e-mail, telefonema, WhatsApp, etc. O objetivo é mostrar o que está fazendo e também entender a reação do interlocutor após a conversa. Assim, ambos saem ganhando.

Antes de ser instrumental, a comunicação é essencialmente humana e extremamente humanizadora. De nada servem veículos e canais oficiais de comunicação como informativos virtuais, Apps, jornais impressos, boletim e mural de notícias, se não houver efetivamente a disposição das lideranças para o diálogo e um ambiente favorável à conversação e à troca de idéias dentro da organização.

Podem esperar que ainda surgirão novos meios de comunicação, com outras ferramentas. Os mais atuais conhecidos de "hoje", podem ser obsoletos amanhã - "O ilustre desconhecido é o novo ídolo do próximo verão".(1)

Mas não importa, o diálogo continua sendo via de duas mãos.

*Gildasio e Lucyene,
MFC – Gov. Valadares*

(1)A melhor banda de todos os tempos da última semana – Titãs



*Se há, de algum modo,
um propósito na vida,
deve havê-lo também
na dor e na morte.*

Viktor Frankl

APRESENTAÇÃO

Caros Mfcistas e aos que desejam fazer uma reflexão com os assuntos pertinentes do dia a dia em nossas famílias, comunidades e sociedade, a quem queremos apresentar esse trabalho.

Esse Temário surgiu com a necessidade de se ter um material para auxiliar os grupos de reflexão. E o SENFOR (Secretaria Nacional de Formação) assumiu a responsabilidade de coordenar esta tarefa. A equipe composta por Secretário Nacional, Secretários Regionais e Secretários Estaduais, foram responsáveis por fazerem o intercâmbio com as bases do MFC, para que as idéias e pensamentos não saíssem apenas de um ponto de vista. Portanto, esse trabalho tem a participação de Mfcistas de todas as regiões do Brasil.

A escolha dos temas passou por uma consulta nas bases e depois foi feita uma síntese e agrupado em três eixos: FAMÍLIA, IGREJA e SOCIEDADE. Aqueles que colaboraram nas sugestões dos temas e depois de lerem e acharem que não foram contemplados por expressar um pensamento contrário ao que imaginaram vão ter a oportunidade no momento da reflexão em grupo, de colocar suas idéias. Os temas são apenas um ponto de partida para o início de uma reflexão.

A reflexão é uma das maneiras mais eficientes para podermos melhorar o convívio social, porque nós aprendemos a ouvir e também a nos expressar. Esses temas não estão prontos. É necessário que nos aprofundemos e podemos aperfeiçoá-los, por isso contamos com cada um para podermos cumprir a nossa missão evangelizadora para tornar a nossa sociedade mais humana e cristã.

Esperamos ter contribuído com essa alternativa para reunião em grupo.

“Ninguém ignora tudo.

Ninguém sabe tudo.

Todos nós sabemos alguma coisa.

Todos nós ignoramos alguma coisa.

Por isso aprendemos sempre.”

Que Deus nos ilumine

EQUIPE SENFOR.

ÍNDICE

1. No mundo moderno, a religião é coisa do passado?
2. O valor da benção dos pais e a relação entre o ter e o ser
3. Cuidado da casa comum Planeta x Família
4. Família Contemporânea
5. Família lugar de acolhimento
6. As novas configurações de família
7. Postura do MFC diante da ideologia de gênero
8. Ser Mfcista ou estar Mfcista - Dissertativo
9. A importância da espiritualidade na equipe base
10. Família lugar de acolhimento - Atualidade
11. Conhecendo Jesus, caminho, verdade e vida
12. Oração e maturidade na vida conjugal
13. Qual o objetivo da equipe base
14. Relação entre fé e obras
15. A influencia da mídia da formação cultural
16. Ser Mfcista ou estar Mfcista
17. Os dois pilares, o amor a Deus e o amor ao próximo



1 - No mundo moderno, a religião é coisa do passado?

Porque a religião é importante?

A Religião é um conjunto de crenças e práticas no qual o homem busca respostas a problemas para os quais a razão humana não seria suficiente. Vamos analisar os povos “primitivos” e “evoluídos” do ponto de vista espiritual, para ver a importância da religião. Nós sabemos que o ser humano pensa, raciocina, imagina o futuro e recorda o passado. Por isso quando passa por momentos de crise, angústia e pensa no sentido da sua existência; É aí que entra a importância da Religião. Quando cremos em um Ser Divino (Deus), que propõe uma vida eterna e mostra os caminhos e nos dá esperança para superar nossas angústias, neste caso, nossa existência se torna mais suave.

Desde o início das primeiras comunidades já se praticavam a religião e tinham um Deus ou vários Deuses de acordo com suas necessidades; Com a evolução da humanidade a religião também evoluiu, e hoje as principais religiões são monoteístas.

Há experiência que comprova que o ser humano não vive sem religião. Grupos de pessoas, vivendo isolados sem nenhuma informação sobre religião e contato com pessoas que pudessem influenciar, criaram seus próprios ritos religiosos.

“A Religião é, psicossocialmente falando, um ponto importante de apoio ao homem no que diz respeito ao preenchimento de espaços vazios, que por vezes prejudica o desenvolvimento social, humano e psicológico, levando a raça humana a caminhos que são diferentes do ponto de vista do crescimento espiritual.”

Vamos falar agora da nossa religião cristã, e ver o que é mais importante no seguimento de Cristo. No Evangelho de Mateus no capítulo 22 os Fariseus tentam mais uma vez questionar Jesus para tentar desmoralizá-lo, porque eles seguiam as leis e sempre demonstrando em público seus atos religiosos, orações, jejum e outros. Então fizeram a pergunta a Jesus: Mestre, qual é o maior mandamento da Lei? Jesus respondeu:

‘Ame ao Senhor seu Deus com todo seu coração, com toda a sua alma e com todo seu entendimento. O segundo é semelhante a esse: Ame ao seu próximo como a si mesmo. Toda a Lei e os Profetas dependem desses dois mandamentos’

Com essas palavras, Cristo nos chama para refletir no mundo de hoje. Com a nossa sociedade se individualizando, com aumento da intolerância gerando violência. Talvez não entendemos bem essa mensagem ou não conseguimos transmiti-la. Quando vivemos realmente em comunidades, com esse amor, e colocando a serviço do próximo, estaremos trabalhando para o Reino, tornando a nossa sociedade mais pacífica e humana. As mensagens cristãs sempre nortearam boa parte da humanidade, e em cada época com sua linguagem. Talvez a linguagem que está sendo usada hoje não está sendo eficiente.

Veja o que padre Roger Lenaers diz em seu livro “Outro cristianismo é possível – A Fé em Linguagem moderna”; “Para o homem ocidental do terceiro milênio, a linguagem da tradição cristã se tornou um idioma estranho, uma língua para iniciados, acessível somente para essa porção cada vez menor da população que ainda lida com as representações do passado. Hoje nós vemos e ouvimos esse fato a cada instante, mas raramente percebemos as consequências práticas de tal verdade. Na maioria das vezes, ficamos em análises que derivam em previsões pouco agradáveis ou, então, em chamados a uma nova evangelização, como se essa fosse uma nova oportunidade, embora conservamos a linguagem do passado, deixado de lado algo absolutamente necessário como a tradução da mensagem cristã para uma linguagem na qual o homem e a mulher modernos reconheçam a si mesmo’.

QUESTÕES:

- Qual a importância da Religião nos dias de hoje? Por quê?
- Você concorda que a religião pode ser também um instrumento de alienação do homem? Exemplifique.
- Nos dias de hoje a religião está em todos os meios. A maneira como está sendo praticada está tomando a convivência mais humana?
- Existe pensamento de que o sagrado deve estar separado do mundo que vivemos no dia a dia, e você, como pensa?
- Por que é necessária a religião para educação dos filhos?



Um país mal educado e construção de pontes

É fundamental abandonar trincheiras e buscar parceiros para construir políticas públicas de qualidade

Claudia Costin*

Em 2018, foi publicado um excelente livro de Daniel Barros, estudioso de políticas públicas, com o título "País Mal Educado: Por Que se Aprende Tão Pouco nas Escolas Brasileiras?", abordando os desafios da educação brasileira e algumas boas práticas que vêm nos colocando no caminho correto. O tema é abordado na perspectiva do ensino formal e mostra como algumas escolhas feitas pelo Brasil no passado trouxeram dificuldades em assegurar aprendizagem de qualidade para todos no presente.

A boa educação, no entanto, associa-se também à polidez, ao saudável hábito de demonstrarmos respeito por outros seres humanos no tra-

to cotidiano e nas conversas que temos com pessoas dentro e fora da nossa bolha.

As regras de etiqueta, longe de serem um ritual sem sentido ou ultrapassado, envolvem fórmulas simplificadas para enviar sinais a nossos interlocutores de que entendemos que compartilhamos a mesma condição humana. Trata-se de parte do ferramental que foi se desenvolvendo no nosso processo civilizatório.

Sim, há pessoas hipócritas que usam linguagem polida para desrespeitar e agredir quem é considerado, por algum critério, inferior ou quem tem visões de mundo distintas, mas isso não desqualifica o uso da boa educação.

Ela pode ser um excelente auxiliar na construção de uma

comunicação não agressiva que nos possibilite criar pontes hoje tão raras, no nosso polarizado cenário político.

Afinal, não sairemos da crise civilizatória que vivemos e da armadilha paralisante de ataques mútuos, enquanto não dialogarmos para poder elaborar uma agenda mínima de políticas públicas a serem implementadas. E há quem prefira participar de polêmicas levantadas a cada tuíte oficial a discutir a difícil construção de uma sociedade mais justa, plural e desenvolvida.

E isso não ocorre apenas no Brasil. No 3º Congresso Internacional de Jornalismo de Educação, nesta semana, Lynell Hancock, da escola de jornalismo da Universidade Columbia, ao se referir ao contexto americano, disse que "certa cobertura de rumores, tuítes e funcionários públicos que podem ou não cair, tira o

foco do que é mais pertinente para nossas democracias: a educação".

É fundamental, neste sentido, que abandonemos as trincheiras que parecem nos proteger da opinião de outros e nos permitem atirar de volta a cada agressão recebida, e possamos assim buscar parceiros de jornada na construção de políticas públicas de qualidade, mesmo que deles discordemos em alguns pontos. Para isso a boa educação, nos dois sentidos do termo, é um bom ponto de partida e permite que nos foquemos no que é mais importante.

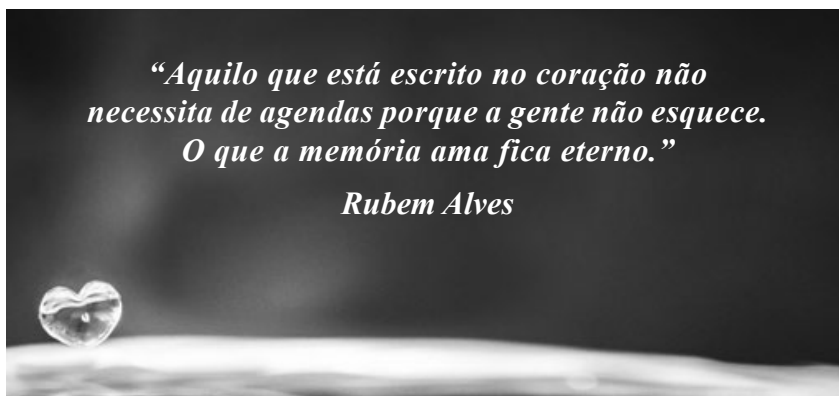
Afinal, temos um país mal educado para consertar!

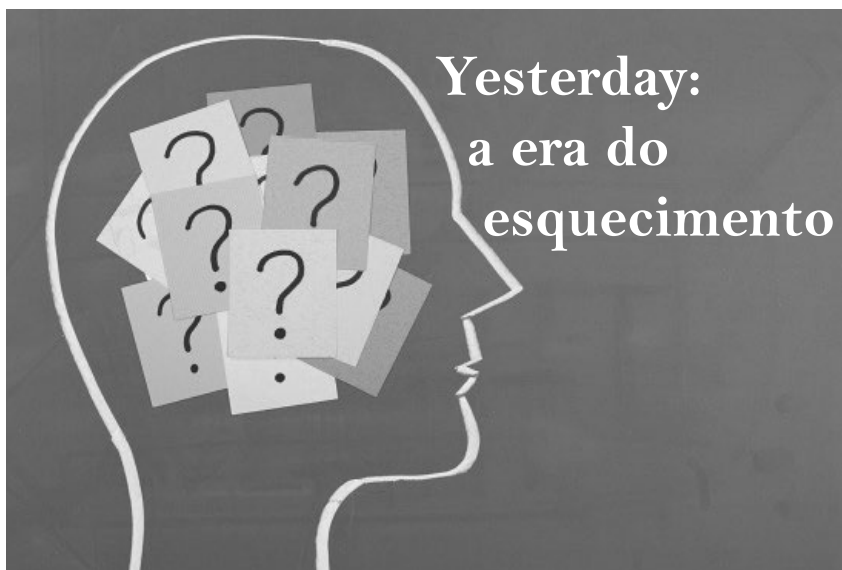
**Claudia Costin é Diretora do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais, da FGV, e ex-diretora de educação do Banco Mundial.*

Transcrito da Folha de São Paulo

*"Aquilo que está escrito no coração não
necessita de agendas porque a gente não esquece.
O que a memória ama fica eterno."*

Rubem Alves





Arnaldo Bloch*

Dias atrás sonhei que produzia um show de Dorival Caymmi. O fato de Dorival ter morrido era conhecido mas, por um motivo que o roteiro do sonho não explica, eu acreditava que o velho baiano, morador de Copacabana, viria. Pois Dorival cumpriu o acordado (no caso, o dormido): fez um show inesquecível. Só havia um problema: além de mim e de meia dúzia de pessoas, ninguém veio vê-lo. Ocupados em adorar digital influencers e e caçar curtidas, os cariocas não sabia quem era Caymmi.

Acordei e me veio à mente uma reflexão de Gilberto Gil, já bem maduro, dizendo que, se não continuasse

a fazer shows, gravar CDs, investir em marketing, povoar as redes com seu nome e sua obra, logo a moçada esqueceria quem ele era.

Sábias palavras. Qualquer pessoa que saia às ruas hoje perguntando, por exemplo, quem foi Villa-Lobos ou Oscar Niemeyer levará um susto ao constatar que quase ninguém ouviu falar nos dois. Dia desses, vi um sujeito passando pela Vinicius de Moraes dizer à namorada que o nome da rua era em homenagem a um "cantor aí".

Em "Yesterday", novo filme de Danny Boyle (em cartaz), um blecaute global de 12 segundos apaga os Beatles, seus discos e sua trajetória da existência material e digital. Junto com eles,

desaparecem também a Coca-Cola (mas não a Pepsi) e o tabaco (mas não a maco-nha), entre outros sumiços seletivos.

Jack Malik, um jovem músico britânico cuja carreira não avança, parece ser o único a ter a memória preservada. Passado o choque de estar só num universo paralelo, ele faz um trabalho de resgate mental das letras e das harmonias de John, Paul, George e Ringo. Como se a obra fosse dele, Malik se transforma, em poucos meses, no maior fenômeno musical de todos os tempos.

O grande mérito do filme, além de achar uma forma absolutamente original de falar dos Beatles (isso se as acusações de plágio não vingarem) não está na dimensão fantástica — mas no fato de, à medida que a projeção avança, a hipótese de o mundo esquecer os Beatles ir ficando cada vez mais palpável.

Em “Yesterday”, os celulares tocam sem parar, interrompendo o fluxo da vida, e as redes sociais vão monetizando a carreira de Malik exponencialmente. A grande vilã do filme, aliás, é sua empresária americana, obscenamente tarada pelo vil metal. Nesse cenário, uma dúvida salta à consciência: será que o mundo seria tão

diferente assim se os Beatles, a Coca Cola e os cigarros não tivessem existido?

A frase “O sonho acabou”, com que John Lennon brindou a separação da banda, virou o símbolo do fim então iminente de um bocado de coisas boas. Sobretudo a ilusão de um mundo em que a paz e o amor dessem as cartas. No tempo dos Beatles, a grana já era a senhora dos destinos: o grito da contracultura seria só um hiato, uma “cortina de fumaça do bem” cobrindo o horizonte desolador da História.

Mas, num mundo em que Olavo de Carvalho, guru do presidente, defende a tese de que os Beatles eram semianalfabetos e ignorantes musicais, massa de manobra para a escola de Frankfurt pregar o marxismo cultural, o sonho continua acabando. Dia a dia, segundo a segundo, post a post, like a like. Ontem foram os Beatles, a paz e o amor. Hoje, são a democracia, a justiça, a verdade, o humano e outros valores pétreos, que, yesterday, faziam o maior sucesso.

O sonho continua acabando. Ontem, os Beatles, a paz e o amor. Hoje, a democracia, a justiça, a verdade e o humano

Transcrito de O Globo

TEMPO FORTE DO ADVENTO



ACOLHIDA: - Bendito seja o Senhor, DEUS da luz que vem iluminar, dar vida à criação, mostrar novos caminhos e assim proclamar o ADVENTO DO SENHOR JESUS.

O ADVENTO nos lembra a visita de DEUS e nos mostra que ELE nos ama e quer estar conosco, porque AMOR exige presença.

Este momento do ADVENTO exige também uma preparação. Colocar-se à espera de alguém, que, mostrando caminhos novos, iluminados, feito de partilha e com o amor de doação, fazendo brotar do coração o surgir de uma nova vida.

Gestos e atitudes de amor ao próximo serão veículo para ampliar nossa visão de DEUS TODO PODEROSO e de

sua presença constante entre nós.

Isto é realmente o PODER DO ADVENTO.

Leitor/a 1: - Tempo do Advento, tempo de espera cheio de esperança nas obras libertadoras do SENHOR da História;

Leitor/a 2: - Tempo do Advento, tempo de espera confiada no DEUS da Justiça, que traz luz em meio a escuridão;

Leitor/a 1: - Tempo do Advento, tempo de espera cheio de expectativa no DEUS que se faz menino para redimir e fazer novas todas as coisas;

Leitor/a 2: - Tempo do Advento, tempo de espera ativa que nos desafia a ser sal e luz em testemunho ao SENHOR da vida;

TODOS: - Tempo do Advento, tempo de espera tempo de reflexão, tempo de renascer, uma vez mais, a vida comprometida, vida abundante e prometida para todos.

DIRIGENTE: - Vamos celebrar mais um Natal. Como anteriormente, esta pode ser mais uma comemoração. Entramos na rotina, no consumo do Natal e fazemos uma celebração natalina sem muitos compromissos, com muita felicidade.

Leitor/a 1: - O Natal significa vivenciar e testemunhar o SALVADOR, o CRISTO, o SENHOR.

Leitor/a 2: - O Natal significa, em meio à nossa correria e agitação, não esquecer o próximo, mas solidarizar-

nos com ele, anunciar e promover a PAZ.

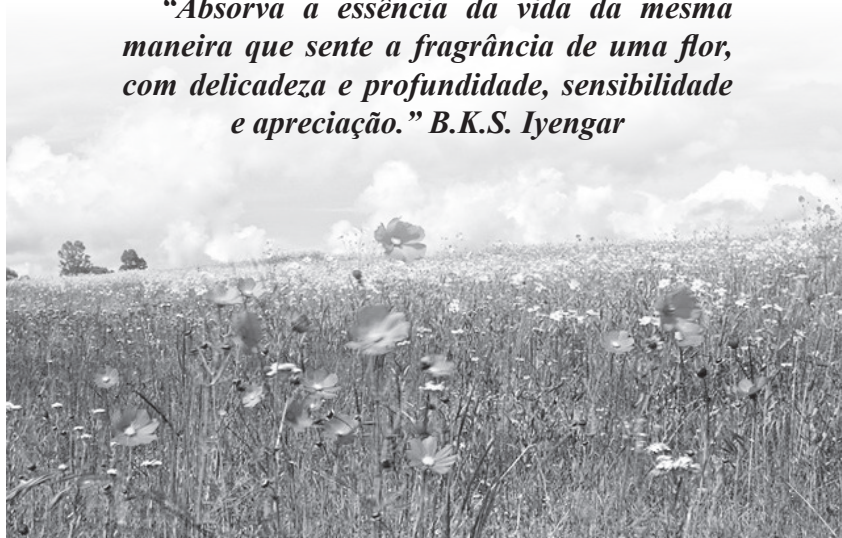
DIRIGENTE: -Mais um ano de muito trabalho chega ao fim. É o momento propício para agradecermos a DEUS as oportunidades que nos foram proporcionadas para levarmos adiante os destinos de nossas vidas.

O ADVENTO é o novo, é o CRISTO total, hodierno, querenasce a cada ano, com novas realidades, com novos desafios.

É a mão que estende aos excluídos, é o pão da vida que chega aos famintos, é a justiça que ampara os injustiçados.

ADVENTO prenuncia o NATAL que é o CRISTO vivo entre nós. Vamos festejá-LO.

“Absorva a essência da vida da mesma maneira que sente a fragrância de uma flor, com delicadeza e profundidade, sensibilidade e apreciação.” B.K.S. Iyengar



Em defesa da floresta

Equipe de Leigos Católicos
Igreja em Marcha*

Dois anos foram necessários para a preparação do Sínodo dos Bispos dedicados à região pan-amazônica, dos quais resultou o instigante e desafiador *Instrumentum Laboris*, o instrumento de trabalho para os bispos, que em suas linhas dá voz às pessoas e aos povos da floresta e convida a uma “ecologia integral”. Infelizmente, o documento suscitou uma série de manifestações contrárias, por parte dos opositores do Pontífice. Acusações de heresia e erros que nos dizem mais sobre os acusadores do que do acusado, numa tradição que se estende entre aqueles que se pretendem autoridades de fala com ouvidos moucos!

Pelo contrário, o evento denota uma característica marcante deste pontificado: a própria sinodalidade! O Papa poderia ter publicado um documento sob sua própria autoridade. No entanto, seu método é aquele inaugurado pelo cardeal Joseph Cardin: ver-julgar-agir. E, para ver mais claramente, julgar com mais justiça e agir de um modo mais decisivamente cristão, devemos ouvir e dialogar. É disso que se trata a sinodalidade!

Realizado em outubro, o Sínodo nos legou dois novos textos: o documento final e a renovação do Pacto das Catacumbas, na espera da publicação da exortação apostólica pós-sinodal, que Francisco prometeu para até o fim de 2019.

Sobre o documento final, o cardeal Cláudio Hummes, relator-geral do Sínodo, disse que não se pode lê-lo como um livro ou como um texto de um autor, por ter sido feito a muitas mãos. "Essa é a sua riqueza!" O tema central é a questão dos povos originários, indígenas, mas enquadra toda população, inclusive urbana. Trata também da crise ecológica e da urgência em defender a preservação, demonstrando que "a floresta de pé é melhor e dará muitos mais recursos para os países que as possuem e para o mundo que derrubada". O outro tema refere-se ao modo como a Igreja pode realizar melhor a sua missão na Amazônia, que apontou para novos caminhos, entre os quais estão a ordenação de homens casados e o reconhecimento do trabalho das mulheres nas comunidades. Temas que ganharam mídia do que centralidade nas discussões sinodais, segundo o cardeal, mas que apontaram para alguns avanços, que o Papa deverá decidir e orientar.

Já no dia mundial das missões, em eucaristia presidida por d. Hummes, foi renovado o Pacto das Catacumbas, que foi assinado pelos 40 padres sinodais e também por leigos e até membros de outros credos que estiveram presentes à celebração, alcançando 200 assinaturas, incluindo 80 bis-

pos. Dividido em 15 pontos, o pacto fala de aquecimento global, exaustão dos recursos naturais, defesa de territórios, acolhimento a migrantes, diminuição da produção de lixo, freio ao consumismo entre outros temas atuais. O novo acordo recebeu o nome de Pacto das Catacumbas pela Casa Comum. Durante a celebração, d. Hummes usava a estola que pertenceu ao cardeal brasileiro dom Helder Câmara e reafirmou a coragem e a humildade dos cristãos das catacumbas.

Se em 1965 o clamor dos pobres do mundo ecoava e chegava aos céus, hoje se junta a essas vozes o grito da Pachamama, para denunciar profeticamente que este modelo de organização da sociedade atual mundial contraria a essência da missão de Jesus Cristo, quando afirma: "Eu vim para que todos (inclusive a Mãe-Terra) tenham vida e a tenham em abundância", afirmou Daniel Seidel, do Movimento Nacional de Fé e Política, presente e signatário do documento. O movimento macro ecumênico de espiritualidade libertadora realizou em Juiz de Fora um encontro, muito rico e com muita participação, para dialogar sobre esses textos e sua aplicação efetiva!

Transcrito da Tribuna de Minas

A SECULARIZAÇÃO DO ADVENTO/NATAL



João Borges Filho*

Tempo que marca significativamente a vida do cristão, o Advento deve transformar todos os ambientes – nossa casa, nosso local de trabalho, as instituições que frequentamos – preparando a todos para a celebração da chegada do símbolo máximo da nossa fé.

Mas, cidades iluminadas, casas e ambientes bem ornamentados, alegres e festivos, que deveriam apontar prioritariamente para o mistério que será celebrado, quase sem perceber vai-se desviando para uma cultura secularizada da celebração do Advento/Natal.

Papai Noel, presentes, duendes, gnomos, bruxas, fadas, pirâmides, “anjos” com

expressões um tanto sensuais para chamar atenção de crianças, jovens e adultos na hora das compras, esse é o arsenal de armas que o mercado utiliza para substituir os símbolos sagrados, esvaziando e descristianizando o real significado do Advento/Natal.

Nos ditos países desenvolvidos é costume as famílias oferecerem às crianças o Calendário do Advento, no qual a cada dia é revelado um pequeno segredo, que não passa de minibrinquedos e miniaturas diversas, acompanhados de chocolates ou pequenas guloseimas, tudo isso, na maioria dos casos, sem nenhuma referência ao verdadeiro espírito do respectivo tempo. Talvez o único aspecto positivo seja educar as crianças a serem pacientes.

Na busca da dita “paz”, muitos estão trocando o verdadeiro Príncipe da Paz, que é Jesus Cristo, por magia cósmica, bons fluídos e todo tipo de esoterismo.

Os símbolos natalinos expressam o inefável, o mistério de Deus! Eles evangelizam sem palavras: é arte, é dom de Deus. Um simples presépio em nossos ambientes diz muitíssimo do mistério do Verbo que se fez carne. Lâmpadas ou velas acesas expressam, sem palavras, que a Luz venceu as trevas; a árvore de Natal com seu colorido aponta para o céu, nossa pátria celeste. Os sinos exprimem o anseio e o desejo de nosso coração para quando chegar Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Neste Natal sejamos cristãos, inclusive na decoração dos nossos lares! E como bem nos alerta o Papa João Paulo II: “O simples fato de sermos de Deus nos obriga a sermos diferentes”.

Símbolos que não apontam para Deus? Esses não os sinais que transmitem a nossa fé e, portanto, não devemos valorizá-los.

Possamos todos viver um autêntico tempo de Advento e celebrar um santo Natal, como preparação para um ano novo repleto de bênçãos!!!

**João Borges Filho é Membro do Conselho Editorial da Revista – MFC/JF – Eq. 8*

“[...] ser definitivamente bom quer dizer ter experiência pessoal de Deus e viver em harmonia com essa experiência.”

Huberto Rohden



Já era

Luiz Fernando
Veríssimo*



Disse o homem para o garoto: "Fiquei velho na época errada. Toda a minha vida foi assim. Cheguei às diferentes fases da vida quando elas já tinham perdido as suas vantagens. Ou antes de adquirirem vantagens novas. Passei minha vida com aquela impressão de quem entrou na festa quando ela já tinha acabado ou saiu quando ela ia ficar boa.

Veja você: a infância. Houve um tempo em que crianças, assim, da minha classe, eram tratadas como príncipes e princesas. Está certo, elas também apanhavam muito. Mas havia as compensações. Geralmente uma avó morava junto ou morava perto e as consolava com colo e doces. E as mães não trabalhavam fora nem faziam academia ou pintura em cerâmica. Ficavam em casa, inventando maneiras de estragar os filhos.

Você alguma vez teve roupa de veludo? Nem eu. Sou da geração pós-veludo e pré-jeans. Às vezes olho fotografias daquelas crianças antigas com roupas ridículas, golas rendadas e babados, e me dá uma inveja... Aquilo sim era maneira de tratar criança. Acho que a minha geração deu no que deu porque nunca usou roupa de veludo. Ou cacho nos cabelos.

Outra coisa: psicologia. Fui da primeira geração criada com psicologia. Nada de castigo — conversa. Ele rabiscou toda a parede? Está tentando expressar alguma coisa. E usou o batom da mãe? Ih, cuidado, uma surra agora pode deflagrar um processo de introjeção edipiana e traumatizá-lo para sempre. Também fui da primeira geração que, com a invenção da calculadora de bolso, não precisou decorar a tabuada. Resultado: cresci

sem a noção de duas coisas importantíssimas: pecado e matemática.

Cheguei tarde à infância e muito cedo à adolescência. A revolução sexual começou exatamente um dia depois que eu me casei com a minha mulher porque era a única maneira de poder dormir com ela. Nos casamos num sábado, e a revolução sexual começou no domingo. Ainda tentei desfazer o casamento, já que não precisava mais, mas não deu, estava feito.

Minha adolescência foi um martírio. Me lembro dela como uma única e interminável tentativa de desengatar sutiãs. Os sutiãs eram presos atrás de mil maneiras. Ganchos, presilhas, botões, solda. Você precisava de um curso de engenharia para desengatá-los. Uma namorada minha usava um sutiã com uma fechadura atrás. Com combinação, como um cofre, juro. Dezesete para a esquerda, cinco para a direita, rápido que a mãe vem vindo! Você, garoto, nem deve saber o que é sutiã.

Eu pensava ser um jovem adulto sério, engajado nas melhores causas, talvez até

um ativista político, um guerrilheiro. Quando cheguei à idade, os jovens adultos estavam cuidando das suas carreiras e das suas carteiras de ações. Fui da primeira geração que quando falava em ir para as montanhas queria dizer para um fim de semana na serra. E a última que ainda usou a palavra 'alienação', mas já sem saber o que queria dizer.

Tudo bem, pensei. Vou me preparar para a velhice e os seus privilégios, com minha pensão e meus netos. Mas a Previdência está quase quebrando, e minha aposentadoria é uma piada, e meus netos, quando me olham, parecem estar me medindo para um asilo geriátrico. E há meia hora que eu estou aqui chateando você com toda esta conversa e você ainda não se lavantou para me dar o seu lugar".

E disse o garoto: "Pô, qual é, coroa? Esse negócio de dar lugar pra velho já era".

E suspirou o homem: "Eu não disse? Também cheguei tarde à velhice".

**Luiz Fernando
Veríssimo é Escritor*

Transcrito de O Globo

Saia do âmbito do tempo e entre no âmbito do amor.

Rumi (poeta persa)

BRASIL, UM PAÍS SUICIDA?

Obscurantismo das elites se espalha entre alienados

Iara Pietricovsky

A mentalidade colonial, que se perpetua no Brasil por meio de um Estado patrimonialista, promíscuo e autoritário, escancara uma sociedade com extrema desigualdade de classe, raça, gênero e etnia. Ainda que tenha sido possível experimentar momentos de melhora no período recente, esse passado nos mancha de forma indelével — e, se não for enfrentado, vai continuar ampliando o ciclo vicioso da injustiça social.

Por que digo isso? Vamos aos fatos do Brasil de hoje. Segundo o Relatório Luz, elaborado por ONGs articuladas em torno da Agenda 2030, o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) número 10, que trata da redução da desigualdade dentro dos países e entre eles, caminha para trás. Foi esse mesmo relatório que nos trouxe a triste notícia de que o Brasil retornou ao Mapa da Fome da ONU, do qual saíra em 2014.

Pela primeira vez desde 2010, o Brasil manteve a mesma nota e a mesma posição entre as 188 nações pesquisadas no ranking de desenvolvimento humano das Nações Unidas. Estamos estagnados no 79º lugar.



Em decorrência da emenda constitucional 95, políticas públicas que melhoraram indicadores da saúde e da educação estão sendo desmanteladas. O fim do Mais Médicos, os cortes orçamentários em áreas estratégicas do conhecimento científico, e uma política deliberada de privatização dos sistemas públicos, em especial na educação, são alguns dos exemplos mais recentes.

A desigualdade de renda entre homens e mulheres aumentou nos últimos dois anos. De acordo com dados da Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral), as mulheres ganhavam 72% do que recebiam os homens em 2016. Um ano depois, ganhavam 70%. Esse índice segue piorando. Recuou também a equiparação de renda entre negros

e brancos —isso é especialmente problemático quando temos a maioria da população de mulheres e negros.

Não por coincidência, as mulheres negras são as que mais pagam impostos proporcionalmente à sua renda no Brasil. Nosso sistema tributário regressivo é um instrumento de manutenção das distâncias sociais e, somado ao corte dos gastos públicos e outras medidas de austeridade fiscal, vem castigando a população mais vulnerável.

Essa desigualdade também se expressa no campo da representação política. Homens brancos são maioria em todos os espaços públicos, em especial no Congresso e no Executivo. Cresce também a violência e a discriminação contra a mulher, principalmente se for negra.

Estamos diante de um sistema político obsoleto, que promove a perpetuação de oligarquias no poder e facilita os mecanismos de corrupção em todos os níveis. A criminalização das ONGs e movimentos sociais, a perseguição à imprensa e aos setores que expressam discordâncias e visões críticas nos levam ao retrocesso democrático rumo a um autoritarismo que namora o fascismo.

As novas gerações já começam a pagar a conta: a mortalidade infantil aumentou, o desemprego assusta e a proposta

de reforma da Previdência, em discussão no Congresso, já acaba com o sonho de uma aposentadoria digna. É verdade que existe uma necessidade de reforma, mas passa muito mais por acabar com privilégios e por uma tributação progressiva do 1% mais rico.

O dismantelamento das políticas de proteção ambiental e o retrocesso no combate ao aquecimento do clima também coloca em xeque o futuro das próximas gerações.

A conclusão é que existe uma dificuldade inequívoca de nos pensarmos como uma nação justa, democrática e diversa. O obscurantismo doentio das elites, que se espalha também nos setores alienados, é suicida. Senão, como justificar nosso rumo atual? Aos que acreditam que outro país é possível, o que fazer?

Continuar nossa luta e nossas mobilizações pelo direito a existir em nossa diversidade. Educarmo-nos. Acreditar na ciência e no conhecimento como forma de mudar a realidade em benefício de um mundo melhor e plural, mais bonito, mais ético. E acreditar que existe, sim, uma democracia participativa possível num mundo onde a solidariedade, a igualdade e a liberdade sejam compatíveis e complementares, simplesmente porque não há outra saída — nem outro planeta.

**Iara Pietricovsky é antropóloga e cientista política*

Face autoritária do neoliberalismo



Frei Betto:

Por paradoxal que pareça, a lei se tornou ferramenta do neoliberalismo para enfraquecer a democracia. O Estado de Direito vem sendo demolido por dentro, de modo a servir apenas aos interesses da elite. O tão esperado abalo do neoliberalismo, a partir da crise financeira de 2008, não ocorreu. Ao contrário, ele se fortalece com novas estratégias.

O neoliberalismo é mais do que imposição de políticas de austeridade, privatização do patrimônio público, ditadura dos mercados financeiros. Ele implica uma racionalidade de abrangência mundial, que

vai da economia de mercado à subjetividade das pessoas. Anula a soberania dos países ao submetê-los aos ditames do FMI, do Banco Mundial e da União Europeia. Demarca a linha divisória entre a parcela da Humanidade com acesso ao consumo e a imensa multidão excluída até mesmo de direitos elementares, como alimentação, saúde e educação.

O neoliberalismo já não necessita fazer concessões ao Estado de bem-estar social, pois desapareceu a ameaça comunista. Já não precisa posar de democrata. Agora, a imposição de um único modelo econômico deve se coadu-

nar com a imposição de um único modelo político, o autoritário, de modo a favorecer a acumulação do capital e conter a insatisfação de amplos setores da população sem direito aos bens essenciais à vida digna.

Os estrategistas do neoliberalismo sabem que suas políticas causam exclusão e sofrimento. Sabem também que é preciso conter a insatisfação dos excluídos, de modo a evitar a explosão que resultaria em caos político ou revolução. Assim, canalizam a miséria e a pobreza para o alívio virtual da religião, tornando-a, de fato, “ópio do povo”, capaz de aplacar a revolta e incutir espírito de sacrifício. Concentram o ressentimento e a descrença na democracia, e transformam em bodes expiatórios partidos e políticos críticos ao neoliberalismo. Fazem convergir a baixa auto estima e a atual tendência à adoção de pautas identitárias para um amplo sentimento de identidade nacional marcado pela xenofobia.

Em suma, encobrem as causas dos males sociais, e recobrem seus efeitos com ideologias que, ao tornar opacas as causas, acirram os ânimos diante dos efeitos. Por isso, o neoliberalismo mostra agora a sua face mais autoritária, com a constru-

ção de muros que separam nações e etnias; a supremacia do poder executivo sobre o legislativo e o judiciário; a desinformação via redes digitais; o culto à pátria; e a ofensiva descarada contra os direitos humanos.

Por outro lado, reduz impostos para os mais ricos, precariza as relações de trabalho, suprime políticas sociais, corta investimentos na educação, acelera as privatizações e considera estorvo aos interesses do capital a proteção socioambiental.

Henry Giroux qualifica de “fascismo neoliberal” essa formação política caracterizada por ortodoxia econômica, militarismo, desprezo por instituições e leis, ódio aos artistas e intelectuais, repulsa ao estrangeiro pobre, desconsideração pelos direitos e pela dignidade das pessoas, e violência para com os adversários.

As reformas propostas pelo novo neoliberalismo, como, no Brasil, a trabalhista e a previdenciária, tendem a extinguir as redes de proteção social: sindicatos, ONGs, movimentos populares, e instituições corporativas (OAB, ABI, CNBB etc.) de defesa dos princípios democráticos.

Como reagem os vencidos? Articulam as forças de

oposição e se posicionam em favor de democracia? Antes fosse. De fato, os vencidos são como moscas presas no globo da lâmpada, cegos pelos encantos da sociedade de consumo. Não conseguem encontrar a saída e sofrem por estarem ali presos. Regagem ao se abster nas eleições, refugiar-se em suas bolhas digitais, dar apoio a

quem vocifera em tom bélico. Toda raiva é a violência introjetada na alma.

Resta aos críticos saírem de suas redomas acadêmicas para ajudar os vencidos a descobrir que possuem uma força capaz de virar o jogo e instaurar a democracia.

Transcrito de O Globo

Rubem Alves

“Meu tempo tornou-se escasso para debater rótulos, quero a essência minha alma tem pressa”

“Um livro é um brinquedo feito com letras. Ler é brincar”

“A alma é uma borboleta... Há um instante em que uma voz nos diz que chegou o momento de uma grande metamorfose”

“Toda separação é triste. ela guarda memória de tempos felizes, e nele mora a saudade”

